revista

BERRÓ

Ano 5 - Edição #6 - julho/2019 - Fortaleza, Siará

Pouca cautela, muita treta.

ENTREVISTA
Amazônia Negra
Marcela Bonfim

SARAUS
Resistência Poética nas Periferias

com a palavra O BANDIDO

REPORTAGEM Os trabalhadores do crime falam sobre justiça, polícia e prisão

GRÁTIS DI GRÁTIS DI $0,00

INDA + lusco-fusco / lixo ocidental / lambe-lambe / impressões mundanas

PROPONO
Consultoria Cultural

Quem somos

A PROPONO CONSULTORIA CULTURAL transforma sonhos e ideias empreendedoras em realidades viáveis, com foco no desenvolvimento humano e coletivo. Somos especializados na gestão de atividades criativas e resolvemos – de forma integrada, dinâmica e eficaz, as demandas executivas de projetos públicos e privados. Prestamos consultoria administrativa e financeira para propostas artísticas, culturais, esportivas, ambientais e da Economia Criativa. E realizamos projetos como o Festival NOIA de Audiovisual Universitário e a Semana de Artes. Tudo isso, feito por uma equipe de profissionais da Cultura, da Publicidade, do Jornalismo, do Direito e da Economia.

O que fazemos

CONSULTORIA – A Consultoria começa na primeira conversa sobre o projeto e acompanha cada uma das etapas dele. Nossa expertise estará a serviço da sua ideia, mesmo antes de ela sair do papel.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO – O Planejamento Estratégico cria o mapa de ação do projeto, através do plano de execução, da sistematização do escopo do projeto, do estudo de viabilidade e da arquitetura de captação de recursos.

DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS – Uma ideia vira um projeto durante a etapa de Desenvolvimento, com a formatação de textos, de planilhas, de imagens e de documentos, tendo como resultado um projeto completo e atrativo.

CADASTRO EM SISTEMAS – Essa etapa é burocrática e nós podemos cuidar dela, cadastrando seu projeto em sistemas informatizados (Salic e Siconv) e em manuais de enquadramento de leis de incentivo, fundos, convênios e editais públicos e privados.

PRESTAÇÃO DE CONTAS – A Prestação de Contas acontece durante toda a realização do projeto, com redação de justificativas necessárias, preenchimento de formulários específicos, formatação de relatórios de produção, comunicação e financeiro, conciliação bancária e respostas jurídicas de diligências até seu encerramento.

EXECUÇÃO ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA – A Execução garante que um plano bem feito vire um projeto bem realizado. Para isso, essa etapa inclui o gerenciamento executivo do projeto, o recebimento de recursos financeiros, os processos licitatórios, a contratação, o gerenciamento de pagamento de fornecedores e as comprovações fiscais.

www.propono.com.br

Oia nóis aqui de volta!

Mais renovados(as) que couro de cobra! Como diz o ditado em bom cearensês: "Num é assim que se esfola um bode não", ora mais! O bode continua vivo, e doido pra berrar alto que nem a peste! A BERRO *é desse jeitim: quando pensam que já morreu, ela retorna que nem assombração psicografada!*

Lá se foram três anos da última edição para esta. Peeense numa peleja danada que é tentar viver de comunicação independente. A gente começa chêi de planos, vontades, expectativas, aí as coisas não dão como a gente espera: as contas chegam e chegam e a "realidade" bate à porta. A gente então praticamente abandona o projeto, vai cuidar de botar o de-comer em casa de outras formas. Depois, nos embrulhos do dia a dia, desiste mais ainda – deixando no peito só uma tainha de esperança de um dia retomar esse projeto berrador –, aí, de sopapo, por algum estalo da vida, volta a acreditar um pouquim, depois mais um tantim, e novamente insiste que pode dar certo... E então chegamos aqui, aos "trancos e barrancos", à 6ª edição dessa revistinha nanica e – será? – imorrível!

Peleja berriana à la Guimarães Rosa: "A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem". Coragem pra remar rumo à liberdade de criação e ao sabor de uma estética, uma política e uma história que nos deixem chapados de vontade! Se a dureza do cotidiano, com suas burocracias, desejos de consumo e automatismos sem sentido insiste em querer tapar o pôr do sol com uma nuvem cinza de fumaça, ***BORA ARRANCAR COM A FORÇA DE MÃOS E CORAÇÕES CALEJADOS ESSA CORTINA DE NÃO-VIDA QUE QUER IMPEDIR A GENTE DE ASSUMIR NOSSOS SONHOS LIBERTÁRIOS MAIS POTENTES!***

Essa revistinha fuleragem volta chêi de marra (mas era só o que faltava, se achando!): 40 páginas, nova identidade visual, novos(as) integrantes, reorganização editorial, formas diversas de financiamento... Sabe o que é que não muda por aqui de jeito nenhum? Nosso compromisso com a gratuidade e nossa busca política, ética e existencial em viver e experimentar, através de nossas palavras, imagens e ações, a necessária mudança que queremos para o mundo e para as relações sociais.

Querida leitora, querido leitor, tu tem nas mãos uma revista embriagada de sentidos: ela não vale nada em moeda, nadinha, mas vale muito, muito, naquilo que o dinheiro não pode comprar!

BERRADORXS

BERRO é uma revista jornalística e literária sobre sociedade, arte, cultura, humor e política, que tem o Bode Berro como mentor intelectual e guru espiritual.
É diagramada e ilustrada em softwares livres de código aberto (Inkscape, Gimp, Krita e Scribus) .

revistaberro@revistaberro.com

Tiragem: 1.000 exemplares.
Impresso na Expressão Gráfica, Fortaleza/CE.

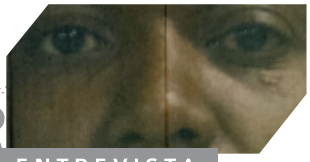
EDITORES
Bode Berro - bodeberro@revistaberro.com
Artur Pires - artur@revistaberro.com
Dani Guerra - dani@revistaberro.com
João Ernesto - jernesto@revistaberro.com
Vitor Grilo - vitorgrilo@revistaberro.com

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Vitor Grilo

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Ihhh... tem não ó! (Serve um bode?)

BERRARAM TAMBÉM NESTA EDIÇÃO:
Bernardo Lamparina - bernardolamparina@gmail.com
Cris Cysne - asasparacysne@gmail.com
Jadiel Lima - emaildojadiel@gmail.com
Luiz Fábio Paiva - luizfabiopaiva@gmail.com
Nina Rizzi - ninarizzi@gmail.com
Reno - reno@linhastremidas.com
Vanessa Dourado - vanedourado.m@gmail.com

ACESSE AQUI NOSSO SAITE



8 ENTREVISTA
Marcela Bonfim e o racismo estrutural

22 AQUELA DA CAPA
Conhecendo histórias de vida no crime

34 SARAUS
Microfone aberto para os corpos periféricos

5 UMBODEMAH
Desceram o sarrafo em nóis!

17 LUSCO-FUSCO
Kant Bar e Repertório da Pipa

33 OS DE BAIXO LÁ DE CIMA
Padrão

6 SOLTA O BERRO!
Bode Berro prosêia com nossos(as) leitores(as)

18 DANDO IDEIA
12ª Nação

38 LIXO OCIDENTAL
Branquitude

20 LAMBE-LAMBE
café sem açúcar

7 CONTO
sortilégios pra matar o meu benzinho

IMPRESSÕES MUNDANAS 16
Isso Não é Netflix

32 AINDA NAQUELA
A segurança como projeto político para a desigualdade

39 BERRO HQ
Perspectiva

CONTEÚDO TV FILMES PUBLICIDADE

A Baião de Dois Filmes acredita no trabalho cooperativo e na comunicação independente.

baião de dois Filmes

Rua Joaquim Deodato, 200
Centro - CEP.: 60.150-240
Fortaleza - CE - Brasil
Telefone: (85) 3234.7367

www.baiaodedoisfilmes.com.br

"Manter um meio de comunicação ativo não é tarefa fácil"

por ***Vanessa Dourado***
Escritora e feminista latino-americana.
Colaboradora do Periódico *Virgínia Bolten* (arg).
vanedourado.m@gmail.com

Nestes anos de existência, a Berro *tentou dar conta de temas importantes. O foco da revista é nítido: visibilizar os setores vulnerabilizados da sociedade e abordar temas importantes desde uma perspectiva contra-hegemônica – desafiando, inclusive, a hegemonia dos meios ditos progressistas ou de esquerda.*

A Berro é, dentro do mundo dos periódicos alternativos, um sucesso. O conteúdo é interessante, as entrevistas dão o que falar e há espaço para poesia e para construção de narrativas mais sensíveis que permitem disputar sentidos. Entretanto, a busca por um jornalismo diferente que se propõe como ferramenta de transformação da sociedade e não como um canal de notícias cotidianas que invadem, e contaminam, as páginas das publicações de um jornalismo enlatado e de baixa potência – sem falar das notícias falsas – também demonstra fragilidades.

Sabemos que as redes sociais, longe de ser um espaço democrático e de construção de política real, são importantes e também permitem que o público tenha condições de acompanhar a vida do meio de comunicação. Durante todo este tempo, a Berro teve momentos praticamente inativos nas redes, o que fazia com que o(a) leitor(a) não soubesse se o Bode estava vivo ou se já tinha batido as botas.

Manter um meio de comunicação ativo não é tarefa fácil, exige tempo e dedicação. É ainda mais difícil quando é necessário passar o chapéu para garantir o almoço. As campanhas de financiamento da Berro poderiam ter mais visibilidade para garantir que a revista possa chegar ao público de forma mais assídua e também para construir um vínculo de mais proximidade com as pessoas que, assim como eu, adoram ler as publicações e o cotidiano do Bode.

Popular, mas nem tanto. Apesar de o Bode ser nitidamente da periferia e das ilustrações da revista demonstrarem uma irreverência marginal, as publicações são marcadas por um vocabulário pouco popular, mesmo quando a discussão é sobre temas de interesse da quebrada e/ou dos setores mais populares da sociedade. Construir uma linha editorial alternativa também implica descolonizar a linguagem, mas talvez este debate dê pano pra manga.

Perspectiva de gênero na veia do Bode. ***As primeiras edições da Berro foram majoritariamente escritas por homens, fato que foi melhorando com o tempo e que demonstra que o Bode já entendeu que não tem jeito, a mulherada está tomando mesmo todos os espaços e é necessário destruir o patriarcado já.*** Para isso funcionar, também é necessário mudar as formas como se escreve para não seguir reproduzindo a narrativa sexista que está presente em todos os periódicos, inclusive estes que se dizem de esquerda. Pensar em adotar uma linguagem inclusiva pode ser um bom caminho. As análises que são feitas de forma mais ampla nas notas deveriam levar em consideração o recorte de gênero, e não só de classe e raça, para visibilizar as violências que o movimento feminista e de mulheres está denunciando na rua e em todos os espaços.

Somos todxs racistas, é verdade, já que o racismo em nossa sociedade é estrutural. Por isso mesmo um cuidado especial para não usar termos racistas é importante. É nítido que a Berro é antirracista e isso se reflete na construção de seus artigos, por isso um "nítido" em lugar de "claro" vai bem e ajuda a desnaturalizar a linguagem racista que reproduzimos diariamente.

Pesquisar mais para entrevistar melhor. Só quem está no lugar de entrevistador(a) sabe a dificuldade que é fazer perguntas, quando não há muito conhecimento sobre a trajetória da pessoa entrevistada é o fim da picada. O Bode é um provocador (sabemos bem!), mas entrevistar pessoas muito famosas e que já foram entrevistadas diversas vezes cobra um pouco mais de preparo. A entrevista com a Laerte (4ª edição) foi incrível, mas poderia ter sido muito melhor.

E aproveitando que falamos em Laerte, ouvir o berro das trans e travestis seria genial. Em tempos cinza como os de hoje, seria lindo derramar um pouco mais de purpurina na Berro.

Acesse aqui as edições impressas →

Solta o Berro!

. . .

bodeberro@revistaberro.com

Vida e morte, João! 3ª edição

João Duarte: *Aí negrada, enchimeuzói d'água com essa matéria do traficante da Cazumba. Parece que não foi difícil pra vocês enxergarem o "João" como um ser humano, de um ângulo que eu posso esperar deitadim na minha rede dos grandes veículos de comunicação. Parabéns, seus fuleragem. E vida longa à (ao)* Berro!

Bode Berro: Foi difícil aceitar que pouco tempo depois da entrevista o João tinha virado mais um negro e pobre assassinado em Fortaleza. O olhar de nuvem que ele às vezes fazia parecia um suspiro naquela realidade crua e difícil que ele sempre viveu na pele. Que a gente não esqueça dos seres humanos que habitam dentro de cada um, né não?!

Bloco do Berro

Fabrício Macedo: Sugestão sugestiva: Será que um bloco de (pré) carnaval do Bode Berro não seria bem divertido ??? \o/

Eu fui fantasiado de humano no carnaval desse ano e conversei exatamente isso com a negada: temos que botar nosso berro na rua e juntar uma galera massa pra brincar o carnaval na nossa cidade! Encher com mais cores e glitter a nossa festiva cidade solar! Quem sabe nóis num bota pra gerar no carnaval de 2020, hein? Oia aí, já deu foi vontade mah. Chega logo, carnavalzim bom da peste! Bó nessa, Fabrício?

4ª edição

Lucas Casemiro: *A* Berro *tá fodástica! A* Berro *foi o primeiro produto jornalístico com o qual tive contato quando entrei na UFC, em 2015. A Uli nos apresentou, na Descom. Na entrevista com a Laerte, a edição foi meio que a não-edição, deixou passar muita coisa que uma organização tradicional não deixaria. E eu aprendi muito com isso, imagina se vocês tivessem cortado as gafes que fizeram com a transgeneridade, em prol de uma limpeza da imagem, pra pagarem de 1000% descontruídos! Fizeram bem, goxtei. Ah, e precisava de um UMBODEMAH mesmo, viu? kkk (genial!). Eu fico orgulhoso por cursar comunicação quando vejo trabalhos assim. Nois tá aí pra fazer isso mesmo. BÉEEEEE!*

Aí eu falo que nem o João Duarte disse lá em cima e assim eu encho meuzói d'água. A gente toca essa revistinha com muita emoção e quando a gente recebe um retorno desse, de comunicólogos (ô nome bunitu!) que estão na mesma real da gente, aí nóis se emociona e fasta um pouquim pra pessoas como você poder sentar na cadeira desse grande coletivo de comunicação que é a vida. Nossa visão, Lucas, não termina quando fechamos qualquer edição, muito menos começa. Pra gente a comunicação é um longo e intenso processo de aprendizado. Valeu pelo retorno, dezano! Lembra que se quiser contribuir com nóis é mó limpeza e não vale passar pano pra esses fascismo cotidiano. Abração!

Aurora de Sonhação 5ª edição

Marleide Napoleão: *A insônia me levou a ler a* Revista Berro. *Me chamou a atenção um título estampado na capa: "Aurora de sonhação: As raízes de um mundo novo". E fui lendo. E os textos que falam das lutas das comunidades me trouxeram lágrimas aos olhos e um aperto no peito. Primeiro pelo relato do abandono histórico sofrido pela periferia; segundo porque me remeteu ao passado despertando muitas recordações de quando militava nos movimentos sociais. Eu partilhava as queixas dos moradores, e escutava a tristeza na voz quando discutíamos suas dificuldades, mas podia ver a alegria e o brilho no olhar quando trabalhávamos no roçado comunitário ou construíamos a casa de farinha para que eles deixassem de ser explorados pelos donos de terra. A euforia deles nas farinhadas é algo que marcou meu ser pra sempre. A leitura da* Berro *provocou uma enxurrada de emoções e uma vontade imensa de viver tudo aquilo de novo.*

A gente lê tanta coisa quando tamo insones, Marleide! É um perigo do diacho, a madrugada guarda muita revelação que o momento de leitura se torna uma viagi. Que bom que conseguimos comunicar contigo e que mais massa ainda a gente poder dizer que tamo aqui pra somar, escrever relatos de casos, mas também de pessoas que acreditamos cultivar a coerência nesse mundo véi de afeto debandado. Fazemos uma coisa que nóis chama de jornalismo de afeto: ir lá nos lugares não só pra ouvir, mas pra trocar experiência, compartilhar visões e inclusive ajudar a passar o café quando a garrafa seca...

A Revista

Rachel Facundo: *Conheci a revista alternativa* Berro. *Com matérias interessantes e o uso do humor cearense, combinação bem roxedo!*

A gente faz o possível pra deixar nítidas nossa visão de mundo e nossa gaiatice cearense. É muito bom saber que sinceridade e transparência comunicam mais do que o jornalismo mastigadim que vemos em outros meios. Valeu pelo retorno, Rachel... e o quanto mais junto a gente tiver, mais roxeda essa combinação vai ficar!

Nagle Melo: *Berradores, obrigada por me instigarem a escrever! Fazia tempo que eu precisava me concentrar nisto e não conseguia. Viva a* Revista Berro! *Viva vocês, idealizadores sensacionais! Acho muito bacana o trabalho de vocês e a coragem de cada um em enfrentar as dificuldades que surgem nesta travessia e continuarem a seguir com as edições deliciosas desta revista massa! Beijos.*

Que massa, Nagle! Ficamos igual pinto no lixo com esses elogios tão generosos viu?! Uma das principais ideias pra mantermos essa revistinha fuleragem é justamente isso: poder ser uma ajuntadora de uma ruma de berros da galera! É como diria Sérgio Sampaio: "Um livro de poesia na gaveta não adianta nada, lugar de poesia é na calçada", com a negada! Que a Berro sempre esteja na calçada e na rua, sem abrir mão da nossa liberdade. Oxalá!

Claudio Roberto: *Parabéns a* Revista Berro *pelo trabalho de incentivo à arte.*

Oura marrapaiz, Claudio! Tu incentivando nóis com essas palavras, aí tu incentiva nóis a incentivar mais o incentivo à arte incentivadora da incentivação. Mêi confusão, mêi poesia e mêi comunicação. Aí nóis faz até poeminha com nossa emoção! Mesmo com rima fraca, mesmo repetindo as palavras, a gente não desacredita não. :) Tamo junto, meu chapa. Uma das principais paradas que topamos tocar com essa revistinha é poder servir de incentivadora das artes, ó! Bora nessa!

Joelma Araújo: *Não acredito que ainda não tinha curtido a* Revista Berro, *tô em choque com a minha leseira. Boa demais.. (coração)!*

O berro ainda nem é tão alto, Joelma, mas ele é que nem aquele apito que soa numa fequência quase que num dando pra escutar, mas vibra e quando se "lêscuta" acontece a troca, saca? Tô viajando nisso aqui depois de ler teu comentário porque é mais massa pra nóis saber que a gente já se comunicava mesmo antes duma curtida de rede social. Valeuzão pelo carinho... se bem que... pela curtida também, né? Vai que ela pode ser também um carimbo afetivo, né?

sortilégios pra matar o meu benzinho

POR ***Nina Rizzi***
HISTORIADORA, EDITORA, POETA E TRADUTORA BRASILEIRA.
DESENVOLVEU PESQUISAS EM HISTÓRIA, CULTURA E EDUCAÇÃO JUNTO AO MST.
ninarizzi@gmail.com

tenho uma escova de cerdas macias, como nuvem, como pixaim. agradáveis ao toque como meu corpo quando dói e cai a água fria.

a escova guarda muito dos meus fios. toda sexta-feira junto-os todos, fazendo um grande cocoruto de pêlo algodoado.

sexta-feira é também o dia que o pai chega de viagem. é caminhoneiro e nunca escova os cabelos. gosta de se dizer o homem da família, ri bem alto demarcando sua existência na casa, em nossas vidas.

sento na beira da cama. o quarto não tem porta. da poltrona da sala me olha *COMO ME OLHAM SEUS AMIGOS QUANDO APARECEM PARA BEBER, COMO ME OLHA O PROFESSOR E O MÉDICO. O MECÂNICO DA BICICLETARIA E O PADEIRO.*

aperto as pernas bem firmes e tento manter no rosto a suavidade de cada escovada. penteio até que o braço doa, até que o couro da cabeça doa.

uma escova cheia dos meus pêlos.

quando já é tarde da noite e a mãe deixou toda a louça limpa, chão limpo, carne curtindo nas bacias com banha, alho e sal, do jeito que o pai gosta, viro para dar boa noite, mãe.

o pai ronca alto e um cheiro acre de álcool envolve a asa pequena.

agora todos já dormem.

retiro um a um meus pêlos da escova, enrolo meu cocoruto. o maior que já fiz. o pai sempre diz que uma mulher com pêlos é uma mulher nojenta.

pego a lâmpada que escondi entre as calcinhas e a esmigalho firmemente, enquanto ouço na cabeça choros abafados de mamãe, o som grave do punho do pai em suas costas e o engasgo profundo e seco.

esmigalho até que seja puro pó em minhas mãos que sangram, puríssimas.

arranco a carne da bacia e estraçalho um pedaço, recheando-a com meu cocoruto de pêlos e vidro moído.

recito baixinho as palavras mágicas de mamãe: só teremos paz quando ele morrer.

fecho a carne, como costurando a minha.
beijo o pedaço ensanguentado.

eu sou judas.

salomé.

me beija.

me come, papai.

ILUSTRAÇÃO ***Cris Cysne***

Autorretrato de Marcela Bonfim em fusão com a obra "Madona Negra". Porto Velho, 2015

(Anti)cárcere fotográfico, negritudes e existência com Mar Bonf

POR *Dani Guerra*

FOTOS *Marcela Bonfim*

"(Re)Conhecendo a Amazônia Negra" é uma exposição para ser tocada, pegada, conforme nos diz a própria fotógrafa, Marcela Bonfim. Sinta-se à vontade, sem fru-frus, nem molduras de metal. As fotos desta mulher contam, a cada olhar, mãos e corpos fotografados, uma outra narrativa.

A escuta é um movimento necessário para todos(as) nós, precisamos aceitar que o outro é um território para além da nossa cartografia, sem delimitar as fronteiras, nem definir afetividade alheia. Leia esta entrevista como quem escuta. A economista de São Paulo que, de bicicleta, acha diversos elementos da identidade dela em Rondônia, pedaço da Amazônia. Sem a intenção de ser fotógrafa, começa a encontrar a imagem do negro que nunca vira antes nas imagens que produzia.

Marcela não aceita a passividade do papel de entrevistada, faz perguntas, questiona as respostas que recebe e nos faz pensar em outra história que está ajudando a construir. A fotógrafa fala sobre os corpos negros silenciados, este território marginalizado que carrega ao nascer no Brasil 300 anos de hierarquização racista.

No entanto, Marcela também compartilha a descoberta de que não é só isso. São tantas ruas, diversidade, possibilidades nesses constantes fluxos migratórios dos quais resulta Rondônia negra, Amazônia negra, Brasil negro.

As espadas de São Jorge presentes na exposição são, como ela mesma diz, plantas resistentes como a história negra no Brasil. Além do resistir, Marcela nos chama para o existir, que precisa de reforço. Tão simples quanto complexas são as ressignificações que ela produz.

BERRO: Para começar, eu queria que você me dissesse como você começou a fotografar, eu li aqui no catálogo que você é economista, como se deu essa relação?

MARCELA: Eu morava em São Paulo, estudei em São Paulo, me formei em economia e, quando eu saí da universidade para buscar o primeiro emprego, procurei em São Paulo e não consegui nada na minha colocação. Daí, me mudo pra Rondônia em 2010 em busca desse primeiro emprego.

Chegando em Rondônia, aí é que começa a minha vida com a fotografia, porque eu cheguei numa terra totalmente diferente do que eu concebia para mim no meu sonho, com todo um tempo que eu não sabia que existia na minha vida, enfrentando uma solidão muito grande, porque eu não conhecia ninguém. Eu tive que começar a minha vida de novo aqui, enfrentei aspectos que eu jamais imaginei enfrentar, inclusive a minha própria cor.

Eu precisei comprar uma bicicleta, comecei a sair pra conhecer a cidade e começo a notar uma presença negra. E, dessas formas novas de se notar a cidade, comecei a ser abordada como barbadiana, comecei a ser abordada como uma Shockness, uma Johnson e veio essa curiosidade de saber o que era uma barbadiana, porque a cidade me notava como uma barbadiana.

Ali, veio uma primeira surpresa, que barbadianos eram povos negros daqui de Rondônia, era uma diáspora que veio do Caribe e dali surge para mim todo um interesse que me levou a comprar uma câmera também, para fotografar tudo aquilo que eu estava vendo, que era novo, principalmente essa questão, esse aspecto de negritude.

A partir do momento que eu comecei a fotografar, percebi um segundo ponto com a cidade, de relação. Na primeira, eles me relacionavam como uma barbadiana e, no segundo, eles começaram a achar "olha, ela faz foto", e essa câmera me serviu como uma muleta, eu comecei a ser convidada para ir em aniversário, para ir em casamento, para ir no almoço de família, claro que eles falavam "leva a câmera".

As pessoas começaram a me chamar com essa câmera e começou a girar uma nova história na minha vida que eu não imaginava ser tão forte. Essa câmera começou

a me levar em vários lugares, principalmente em lugares históricos que eu não imaginava que existiam aqui em Rondônia, uma história negra, que vinha da origem com os ciclos econômicos.
Esses ciclos vão contando os fluxos migratórios, eu comecei a perceber que dentro dessa história de Rondônia existia uma história negra. Entrando nessa história negra, existia a história negra do Maranhão, a história negra do Pará, a história negra da Bahia, a história negra de São Paulo e, desses fluxos, eu sou fluxo migratório negro que vem de São Paulo.

Você fala de Amazônia, que é um território amplo demais e muito diverso, o que você entende por Amazônia?
Quando eu cheguei aqui eu tinha um fetiche muito grande, quando a gente fala em Amazônia, principalmente quando a gente tá no sudeste ou no sul do país, e o nome, a nomenclatura Amazônia, é esse fetiche do colonizador. Falar da Amazônia negra, quando eu conto a história de Rondônia, eu percebo como o território de Rondônia é negro. Quando eu coloco Rondônia no foco do debate é por uma questão até mesmo política, porque é um estado bem negligenciado dentro dessa Amazônia.
A gente quase não ouve notícias sobre Rondônia e, quando ouve, são esses estereótipos. Quando fala de Amazônia, a gente causa um estereótipo, quando fala de Rondônia, te causa um outro estereótipo, a gente está falando de estereótipos. Um território que a gente vai falar o tempo inteiro de fluxos migratórios e imigrações, quem são os povos genuínos brasileiros?
Quando a gente fala de populações genuínas brasileiras, a gente está falando de indígenas, quando a gente fala de toda uma população negra, quando a gente fala um outro nome totalmente fetichizado e dado por um colonizador, a gente também está falando sobre fluxos migratórios, portugueses, holandeses, franceses. A questão do negro não é só uma questão de fluxo migratório, a gente está falando da escravidão, de uma violência também.
A Amazônia se constrói também nesse mesmo movimento que o Brasil, ela recebe também o mesmo nome fetichizado dado pelo colonizador, ela tem a mesma história também contada pelo colonizador e ela representa um pedacinho do Brasil, um recorte do Brasil, o mesmo movimento de ocupação ou de invasão da Amazônia foi o mesmo movimento de ocupação e invasão do Brasil.
Aqui na Amazônia o desafio é colocar Rondônia no foco do debate dessa Amazônia negra, porque ele é um estado muito cosmopolita, muitos fluxos existem aqui. Quando você fala da negritude, nossa!, isso triplica por mil: são muitos negros, é uma terra tida como uma terra de oportunidade e muita gente caminhou para cá, inclusive negros cearenses. Eu falo isso porque eu cheguei aí no Ceará e o pessoal fala "ah, é porque não tem muito negro no Ceará", eu disse caraca!, com uma história tão rica (de negritude)!

> **"A questão do negro não é só uma questão de fluxo migratório, a gente está falando da escravidão, de uma violência também."**

Esta questão da identidade negra no Ceará está caminhando lado a lado com a identidade indígena, são duas identidades negadas. Como você dialoga essa identidade negra com a indígena?
Falar de Brasil é falar do indígena, né? Os indígenas estão em todas as partes do Brasil e aí quando existe esse processo de fragmentação política do Brasil deu a impressão que só existe indígena na Amazônia, sendo que ele está em São Paulo, está no sul, está em todas as partes, mas ele é invisibilizado, ele é categorizado, então só se atribui a questão indígena na Amazônia. Por exemplo, isso é uma questão estratégica, porque aí você joga tudo, "não, não existe índio no Brasil, existe na Amazônia".
Para mim, quando você está falando do Brasil, está falando do indígena e, quando você fala de Amazônia, você também está falando de indígena, porque é a população originária daqui, mas, por uma questão estratégica, hoje o capitalismo dá conta de invisibilizar populações. Você atrai atenções, você também distrai atenções. Quando eu falo de Amazônia negra, eu estou fazendo uma afirmação: "Olha, também tem negro na Amazônia!".
Além da população indígena que hoje é diariamente exterminada, a população negra é também exterminada por outros fatores. Quando falo do Vale do Guaporé, estou falando exatamente dessa configuração negra e indígena, se chama faixa de fronteira. Então, a gente tem que lidar com a questão indígena, com a questão quilombola e com a questão ainda internacional dos bolivianos.
Se você for pro Vale do Guaporé, você vai ver essa interação acontecer num passo que muita gente não tem noção que acontece. Quando você vai ao Pará, você vê também muito nitidamente acontecer, se você vai para o Maranhão, você também vê isso, são populações que vão se misturando, o afro, o indígena, o venezuelano. A antropologia brasileira não deu conta ainda de acompanhar todos esses processos, a miscigenação no Brasil é um dos fatores mais cruciais para a nossa identidade, mas ela é o fator mais negligenciado.
O que o Brasil fez com a miscigenação? Foi lá no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), formulou uma nova metodologia que também faz parte dessa estratégia de invisibilidade e configurou o

"Banho de Jorge" Quilombo de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT)

"Resistência Wajuru" Comunidade Indígena de Porto Rolim (RO)

pardo. Esse é o tratamento que o Brasil dá para a miscigenação, então quando a gente está falando desse encontro da população indígena, esse encontro da população negra, quilombola, esse encontro de populações tradicionais, a gente está falando exatamente dessa parte negligenciada chamada miscigenação, que não se fala, por isso que hoje é muito difícil do Brasil conceber a sua própria identidade.

Nós estamos em mais de 300 anos de negligência desse processo, a miscigenação surge a partir de uma violência, de estupros contínuos, não só com o negro mas com o indígena também. O colonizador vai, ele chega, invade, estupra, aí ele não sabe lidar aqui com os frutos do estupro negro da violência dele, vai tratando como mula, vem o mulato, percebe como vai surgindo? Da mula, de toda essa configuração, surge o exótico, e o Brasil não sabe lidar com essas questões, a identidade do Brasil perpassa por essa exotificação da coisa, quer uma região mais exotizada como a Amazônia?

Eu observei, na exposição, essa questão dos espelhos e, no próprio texto de abertura, a ideia de adotar uma imagem de como nós nos reconhecemos. Fala um pouco sobre essa questão dos espelhos, da imagem.

Os espelhos vêm a partir da necessidade (pausa) porque a Amazônia Negra, todo mundo fala "ai, que nome lindo", não fui eu que dei, ela já existe, ela já é fato, ela é direito, ela é uma realidade, é uma existência. A minha contribuição é exatamente nesse processo de reconhecimento, de me reconhecer nesse processo da Amazônia Negra e me reconhecer também nesse processo da estética do negro que eu fui perseguindo. Porque o que é ser um barbadiano hoje para mim, não é só ser de uma origem negra do Caribe, é também uma questão de atitude, porque se você for olhar a história do barbadiano, o quanto ela é representativa e o quanto ela mostra uma outra face da história.

Não se conta porque o barbadiano chegou aqui por uma colonização inglesa, então, uma outra forma de colonização que vem também para jogar, para mostrar que esse processo de colonização do povo negro (no Brasil) esvaziou tanto o corpo do negro de humanidade que é isso que se olha. Quando se olha para a história do negro, se olha o negro como um fator de produção, se olha o negro como uma forma de subserviência.

O negro colonizado pelo inglês tem uma autoestima muito acima do que a nossa, mas estou dizendo que também tem as suas fragilidades, foi desumanizado, foi um corpo colonizado, mas aqui no Brasil, aqui na Amazônia, eles chegam para contribuir com a Madeira-Mamoré (ferrovia de 366 km construída entre 1907 e 1912). Foi uma mão de obra qualificada, eles chegaram aqui engenheiros, com-

pletamente diferente desses corpos negros que aqui estavam, ainda escravizados pelo tempo, ainda segregados pelo tempo, ainda desumanizados.

Eles chegam aqui e há um estranhamento, eles vêm falando inglês com hábitos e costumes completamente diferentes. Eles sofriam racismo, mas, dentro do grupo dos negros, eles ainda se destacavam por serem barbadianos, então existia essa diferenciação, isso foi uma outra forma de existir do negro (barbadiano), e eu me espelhei nessa questão.

Quando eu chego aqui, e pergunto: "Poxa! Mas o que é ser barbadiano"? As pessoas estão me chamando de barbadiana, e uma pessoa chega para mim e fala: "Marcela, os barbadianos são famílias tradicionais negras da Amazônia", eu falei caraca! Você percebe? Famílias tradicionais negras. Eu, até então, sempre ouvi famílias tradicionais relacionadas ao conteúdo branco.

Isso, para mim, me leva a buscar quem são os barbadianos, a questão da minha autoestima como negra e perceber que a história que contaram pra mim não é exatamente essa história que aconteceu. Os espelhos vêm muito pela questão do próprio reconhecimento e ainda estando junto, tendo como acessório a câmera fotográfica.

O que é o primeiro encontro do negro? A imagem é o primeiro encontro do negro com ele mesmo, a imagem é o primeiro encontro do negro com o branco e a imagem é o primeiro encontro do negro com os papéis do negro na sociedade. Isso foi se configurando pra mim como um espelho, a partir do momento que eu fui caminhando e descobrindo.

A palavra reconhecimento é muito rica, ela é um caminho, vai e volta, porque para me conhecer preciso reconhecer no outro alguma coisa. Então, esse processo me levou a reconhecer inclusive a minha própria humanidade, foi um processo que me aliviou por muito tempo, porque essa história oficial que me contaram, percebi que não é exatamente a história que aconteceu.

Isto me levou pra um lugar completamente diferente, porque, quando eu era pequena, lembro exatamente nas figuras do livro de história, a figura da chibata era maior do que a figura do Zumbi, que ficava no canto inferior da página direita. O que é o espelho? É a nossa própria imagem, é a gente poder se reconhecer no outro.

A partir do momento que eu começo a viajar para essas comunidades, para outros municípios, outros estados brasileiros, eu começo a conhecer uma parte da história que foi negligenciada e me reconhecer nessa história. A própria história dos livros de história é uma história de vitimização que passa, o negro se olha e não vê aspectos de humanidade, é exatamente por conta dessa história que não é contada. Eu falo que uma criança (negra), no Brasil, nasce com mais de 300 anos de corpo destruído.

Quando ela vai na escola e não se vê, ou se vê em aspectos de vitimização, a escola passa para ela a responsabilidade de se desumanizar o corpo, aí que a gente vai conhecendo os processos de embranquecimento. Olha o que o negro passa no Brasil: ele nasce negro, ele embranquece para enegrecer de novo depois. Eu posso dizer para você que eu estou ainda aprendendo, estou enegrecendo ainda, fui mais branca do que negra, tenho 35 anos de idade, mas passei a maior parte da minha vida sendo branca.

A branquitude que eu digo é esse corpo esvaziado, esse corpo desumanizado, claro, quem quer ser negro no Brasil depois de tanto tempo, de tantos processos de desumanização? Vem a metodologia do IBGE e te oferece "olha, já que você não quer ser negro, você pode ser pardo" e aí que está a grande estratégia. Nós estamos no segundo processo de embranquecimento, que é o embranquecimento institucional.

Por isso que eu bato muito quando alguém fala que "o negro é racista". Não é porra nenhuma, o racismo é

"Eles (os barbadianos) chegaram aqui engenheiros, completamente diferente desses corpos negros que aqui estavam, ainda escravizados pelo tempo, ainda segregados pelo tempo, ainda desumanizados."

"Menino da beira"
Comunidade
de Nazaré (RO)

uma relação de poder, ao mesmo tempo que ele é uma doença do branco, não tem nada a ver com o negro, e a gente não pode falar que a gente é racista, a gente está dentro desse curso da história, a gente está caminhando no curso da história.

Vocês estão se afirmando.
Você me desculpa, você se reconhece como?

Como eu me reconheço? (risos) É uma longa questão porque na minha família, eu vejo muito assim, por exemplo, as minha irmãs têm traços negros mais fortes, eu me afirmava como não-branca durante toda a minha vida, mas eu passei a reconhecer privilégios que eu tinha, dessa forma, me identificar como branca. Se me identifico enquanto negra ou como não-branca, não sei de que forma eu estaria assumindo esse protagonismo das pessoas que mais sofrem racismo.
Aí é que está, hoje existe essa questão de negligenciar o processo de miscigenação, hoje ela resulta em várias questões e uma delas se chama colorismo. O que acontece? Hoje a gente está passando por um processo muito difícil, onde eu me pego vendo os negros discutindo privilégios dentro da negritude, a gente está discutindo privilégios dentro da negritude, aí eu te pergunto: o que nós temos de riqueza material dentro da negritude? O que nós somos? O que nós representamos? A negritude, o que ela representa na distribuição de renda?

Nada, né?
Percebe que a gente está debatendo miséria e que está indo no caminho errado? Estão induzindo a gente, agora, a (pensar que a) responsabilidade de destruição desses corpos vazios é nossa, quando a gente vai debater miséria dentro da gente mesmo. Aí vem a questão do projeto também, por isso que eu digo, é um projeto político, é um movimento político, o Amazônia Negra. Eu não posso abrir uma exposição tomando champanhe e debatendo estética,

"Entidade" Quilombo de Vila Bela da Santísssima Trindade (MT)

por mais que eu precise debater estética sim, porque ela faz parte, é o nosso encontro, a nossa imagem, é o nosso primeiro encontro com os nossos papéis e com o nosso corpo, com o branco inclusive, mas a gente precisa debater exatamente essas questões que ainda nos fazem sermos minorizados. Nós não somos minorias, nós somos minorizados, por isso que eu falo que a palavra tem poder.
O que acontece são essas distorções, o Brasil é todo distorcido em relação à sua própria identidade. Isso é uma estratégia da branquitude, porque o que a gente consegue apenas enxergar é a branquitude e a humanidade dos corpos brancos a ponto de a gente debater privilégio entre a gente (risos). Quanto cruel, a estratégia é muito bem formulada, Dani.

> **"O racismo é uma relação de poder (...) Nós (negros) não somos minorias, nós somos minorizados".**

Ela é.
A gente está dentro de uma estratégia muito bem formulada, onde a gente consegue ser alvo e apontar a arma na cabeça do nosso próprio irmão, então, no começo das eleições (de 2018), eu fiquei muito possessa com o Ciro Gomes, ele é daí (Ceará). Eu fiquei muito possessa com esse cara quando ele vira para o Holiday (vereador da cidade de São Paulo filiado ao Democratas, negro e gay) e fala para ele: "Seu capitão do mato!".
O que eu fiquei mais brava nesse processo? Ele tira o corpo dele de fora disso, ele joga toda a culpa de ser capitão do mato para o Holiday. O Holiday é um corpo negro vazio, esse corpo que a gente está falando agora, desse corpo negro que as pessoas olham e dizem: "Está vendo, o negro é racista com ele mesmo". Esse corpo, essa massa de manobra, que discute privilégio entre nós, todas as distrações que hoje a gente sofre sendo negro no Brasil, sendo essa estratégia de consumo, mão de obra barata, que já foi fator de produção que continua ainda sobre essa égide da subserviência.
O Ciro Gomes vai lá e joga tudo na cara dele, joga no lombo dele a responsabilidade de ser capitão do mato, o que é ser capitão do mato? É a herança mais maldita que a branquitude deixou para o Brasil e ela não está atrelada ao negro, ela é essa estratégia, é o oprimido oprimindo

o oprimido. É uma estratégia inclusive dentro do próprio movimento do branco, a gente vai perseguindo o mesmo movimento, a gente vê a negritude debatendo o colorismo, comprando essa discussão do colorismo e, quando ela compra essa discussão do colorismo, ela vai debater miséria dentro da própria negritude. A gente precisa debater privilégio é com o filho do Gerdau (Jorge Gerdau, bilionário do ramo da siderurgia), é com o filho do Ciro Gomes.

Na exposição "(Re)Conhecendo a Amazônia Negra", eu percebi essa questão do silêncio e do olhar, os olhares muito fortes, você fala sobre esta questão da baixa autoestima. Como se deu esse processo de confiança entre você e os(as) fotografados(as)?

Vamos pensar no Brasil como uma fotografia, hoje, a fotografia do século XXI. Aí você pega a fotografia do século XVI, XVII, XVIII, quando você olha essas fotografias você vê que pouca coisa mudou, pelo menos é a minha observação. Eu não tinha nenhuma pretensão, nem sabia que eu sabia fotografar, mas hoje, ressignificando esse processo, percebo que a fotografia está dentro da nossa cabeça, ela não é um ato mecânico de apertar um botão. A fotografia é muito um condicionamento, o que é imagem para você?

É uma forma de representação.

Ela é uma forma de representação, mas antes é uma imaginação, a gente não precisa tirar uma fotografia para ter ela na cabeça, quando a gente ouve uma história, a gente faz as nossas fotografias, quando eu estou contando pra você sobre esse processo dos barbadianos, a Madeira-Mamoré, a gente está criando um balãozinho na nossa cabeça e ali está passando uma história.

Eu não precisei colocá-los nos lugares de negros, se você foi na exposição, você viu que tem muito retrato, eu comecei a retratar o rosto porque era a parte que mais me interessava, que me levava a reconhecer os meus traços naquele rosto, porque eu estava lidando com uma muito baixa autoestima, eu fiquei muitos anos sem (me) olhar no espelho, eles (me) esvaziaram nas revistas, eu não me via, quando eu me via na novela, eu me via como uma empregada, sempre estigmatizada.

Hoje, ressignificando isso para mim, o que é o retrato? Quando eu retrato um rosto, eu estou falando de uma cidade toda e, quando eu falo de não fazer a mesma fotografia, estou falando exatamente desse processo de estigma, de dignificar esses pares, porque hoje eu vejo assim, quando a gente fala da história da fotografia, está falando da história do branco, onde é que a gente se vê na fotografia?

> **"Quando eu retrato um rosto, eu estou falando de uma cidade toda e, quando eu falo de não fazer a mesma fotografia, estou falando exatamente desse processo de estigma, de dignificar esses pares."**

É a história do branco e a história sempre foi fotografada com o olhar do branco, vai procurar os acervos de fotografia sobre o negro, ele está sempre no lugar do negro, ele está sempre nas posições de negros. A Rosana Paulino (artista visual paulista) tem um trabalho sobre isso, ela pega as imagens da escravidão e faz um trabalho sobre isso. Como o corpo negro era fotografado antes? Ele ainda continua sendo fotografado da mesma forma.

Para mim, o que importava era estar conhecendo esse repertório que me foi negado a vida inteira, e esse repertório são esses lugares, quilombo, os lugares mais simples do meu corpo, o espelho, poxa! Esse processo que eu percorri e hoje ressignificando isso, condiz numa outra fotografia, uma fotografia que liberta os nossos corpos.

Se a gente for falar da história da fotografia, a gente está falando também da história do encarceramento em massa, porque a imagem nos encarcera até hoje, a gente está falando de estigmas também, então é por isso que o espelho vem forte. A gente está tocando numa ferida que não é tocada há muito tempo, que se chama baixa autoestima do negro, é um processo muito antigo. Desde a época da colônia o negro, quando era alforriado, automaticamente se negava como negro, aí vinha a atitude do pó de arroz, já assistiu Xica da Silva? (filme de Cacá Diegues, de 1976, e novela de Walcyr Carrasco, de 1996)

A gente precisa preencher essas imagens, não adianta, quando eu passo num quilombo já passaram vinte fotógrafos brancos na minha frente, mas nenhum voltou para devolver a imagem, aí eles vão lá e publicam as imagens todas estigmatizadas.

Pelo que eu estou entendendo do seu processo, você vai lá conhecer. Você não vai colocar o outro dentro de características pré-concebidas, de forma bem sistematizada, o que é uma atitude do colonizador desde sempre.

É por isso que a fotografia existe muito antes do ato de fotografar, você percebe que quando vai um fotógrafo branco na comunidade ele já sabe o que ele quer fotografar, ele vai com o mesmo fetiche que eu cheguei em Rondônia, ele vai com o mesmo fetiche que o colonizador chegou no Brasil, a gente é um povo que é ensinado a fetichizar os outros.

Essa exposição roda o Brasil numa

"Dona Úrsula Maloney"
Porto Velho (RO)

época bem complexa, ascensão conservadora, tudo muito amparado no racismo. Como você vê essa exposição rodando pelo Brasil e o seu trabalho nos próximos anos no cenário brasileiro?

Olha, eu demorei bastante para entender porque que eu deveria estar dentro desse processo das artes visuais e, ainda mais agora, vejo a importância de estar dentro das artes visuais. Eu sou economista, eu trabalho ainda como economista, me vejo hoje como um corpo político, eu sou um corpo político e esse corpo político está exatamente ali, é marcar posição mesmo, onde você veria a Marcela mais facilmente? Na frente ou atrás da fotografia, como protagonista ou exposta?

Eu vejo das duas formas agora, mas, antes, eu te veria como retratada sim.

Geralmente, quando as pessoas vão para uma exposição que fala sobre o negro, geralmente o assunto é negro, mas as pessoas já têm a fotografia na cabeça de quem é o protagonista, as pessoas nunca imaginam que é um negro que está falando sobre ele mesmo, o negro está falando sobre ele no Brasil, é uma novidade, principalmente no mundo das artes visuais. Eu vejo isso porque frequento as minhas exposições e, quando vão me apresentar para as pessoas que estão no espaço, é sempre uma surpresa. Era a mesma surpresa de quando eu ia procurar emprego lá em São Paulo e quando eu passava na prova, eu passava na prova da internet, porque tudo era computador. Quando eu ia conhecer o meu possível chefe, me apresentar na entrevista, era a mesma surpresa que eu tenho até hoje: "Nossa, você é a Marcela, que bom! Nossa, o teu currículo é muito bom!" Como uma protagonista ainda sou uma surpresa, esta é a importância desse corpo político, a gente está lutando há muito tempo na resistência, quando a gente fala em resistência, você imagina que a história do negro é uma história de resistência, mas no nosso discurso hoje, somado à resistência, a gente tem que colocar a palavra existência.

Isso Não É Netflix

POR ***Artur Pires***
JARDINEIRO DE PLANTAS E DE SONHOS.
artur@revistaberro.com

Ano passado, viajei sozinho por quatro meses e meio. Mochilão nas costas, prancha de surfe debaixo do braço, diário de viagem sempre a postos... Muitos ônibus, barcos, topiques e algumas caronas depois, percorri em 135 dias parte da paisagem litorânea do Uruguai e do Brasil, passando em diversas praias de Montevidéu a Fortaleza. Não há nenhum mérito de pessoa "desconstruída" nisso. Há, sim, privilégios socioeconômicos em todo "mochileiro". Quem tem de acordar às cinco da manhã pra pegar um cambão de uma ou duas horas pra chegar ao trabalho sequer ousou pensar nessa possibilidade. Não negligencio o lugar de privilégios de todo mochileiro. Mas isso também não me impede de compartilhar o que pude aprender nessa travessia solitária.

Experimentei a solidão de uma forma como nunca antes. Aprendi que a delícia do estar só, muitas vezes, proporciona uma alegria serena e mansa. As pessoas não se dão conta porque, com medo da solidão, se acostumaram à efusividade das redes sociais, das conversas por aplicativos de mensagens, das vidas sempre felizes e narcisistas do *Instagram*.

Aprendi a abraçar minha tristeza como um sentimento às vezes necessário. Sem chuva interior, como nascerão novas mudas dentro da gente? Já repararam no movimento dinâmico das marés? No seu ir e vir ritmado? Todos os dias as marés escondem e revelam segredos do mar, no seu compasso perpétuo de encher e secar, avançar e recuar, eterno equilíbrio. Já pensaram sobre a resiliência dos ipês? Perdem todas as folhas numa época do ano, mas continuam sempre abertos a receber a visita de um sabiá em seus galhos secos. A sabedoria silenciosa dessas pequenas-grandes coisas existe para nos ensinar.

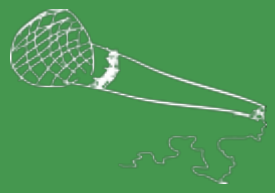
Nessa travessia, tive encontros com pessoas as mais diversas, de países, estados e culturas diferentes. A vida tem dessas: vai botando em nós pedaços dos outros que rebentam na gente feito frutos maduros como os cajus de setembro no Siará. Se a solidão serena é escolha bonita, a necessidade espiritual do encontro é também imprescindível. Se não, para quem falaríamos sobre as águas que escoam no nosso âmago? Mais do que falar, como aprenderíamos a ouvir? Ouvir palavras e compor silêncios... Amo minha solidão e, ainda que esparramado em mim mesmo, não estou só, pois há mulheres e crianças e homens e bichos e plantas e sóis e luas e mares e estrelas que me povoam. Ser solitário e gregário ao mesmo tempo talvez seja a síntese do viver, ou do aprender-a-viver! ***PRECISAMOS CULTIVAR RELAÇÕES ARBÓREAS, CONOSCO MESMOS E COM OS DEMAIS: RELAÇÕES COMO JUAZEIROS VERDES EM MEIO AO DESAMOR, À FÚRIA E AOS DESERTOS EXISTENCIAIS DAS CIDADES GRANDES. VIVER NÃO SERIA EXATAMENTE ISSO: SEMEAR FLORESTAS DE SENTIDOS?***

Diferente do que ensejam os versos de Cartola, voltei sem me encontrar. Se me deitasse em certezas correria grande risco de realmente perder-me. Não me encontrar é isso: pés que caminham, mãos que conversam, corpo que dança e se move. Não há demérito em perder-se conscientemente: mais importante do que encontrar-se é continuar a busca. A ignorância mora no *se achar*. Perder-se conscientemente é aprender a passear no corpo escuro da noite sem estrelas, feito peixe do fundo dos mares, feito onça em dia de lua nova. Talvez não haja saída desse labirinto, apenas águas à espera de navegantes que se disponham a velejar rumo ao oceano do viver. A liberdade é sempre navegação, nunca barco atracado: navegar nos mares de dentro de si. Planta teu pé de travessia: sê árvore-movimento. Espraia tuas raízes pelos biomas d'alma.

Belchior, o trovador cearense, disse que apesar dos desprazeres não se esqueceu de amar. Para o poeta, amar e mudar as coisas interessa mais. Amemos o pássaro em extinção chamado "nóis!". Tenho sede de cachaça, cerveja, justiça e amor! Um brinde! Um brinde aos loucos, poetas, marginais, bêbados, mendigos, prostitutas, histéricas, pivetes, travestis, drogados: anjos e demônios de carne e sonhos! Assim como disse o poeta Walt Whitman, trago vocês comigo, como a todos(as) os(as) outros(as). Um brinde a todas e todos que ousam soltar raia mesmo em céu com pouco vento! Bebamos da miséria humana para nos embriagarmos de vontade de revolução!

Sou semente levada pelos ventos. Talvez eu possa germinar aí, no quentim do teu coração. Amor é isso: uma sementinha brotando no peito! Eu queria pedir-lhes só uma coisinha antes de dobrar a esquina: cantem, dancem, lutem, gozem, sonhem, ousem, delirem... e, no meio de tudo isso, nunca esqueçam de amar!

Kant Bar



POR *João Ernesto*
SABOTADOR DE RETICÊNCIAS.
jernesto@revistaberro.com

O ambiente azulado, um quase escuro no rosto iluminado de quem reflete as letras das canções. O karaokê levando corações a passeio em plena avenida Bezerra de Menezes, sob os olhares dos espíritos das noites e dos roedores que estão do outro lado da rua. Prestando bem atenção nas feições de quem segura o microfone, o semblante é quase sempre ébrio e feliz, apesar das canções melancólicas. Compreender as várias solidões ali presente é tarefa complicada, apesar de quase poder tocá-las na sua presença em forma de insegurança.

Quem canta sobre solidão nem sempre é uma pessoa solitária. Falo isso por pura ignorância de achar que é impossível não ser sozinha nesse mundo. O *boom* das separações na década de oitenta tá aí pra provar isso: uma expansão de consciência dizendo que é possível sermos pessoas felizes e sozinhas, cantando ou à procura. Lembrei de um conhecido que fala que ser liso é o maior esporte radical que existe, e isso vem muito à tona quando a cerveja é mais de dez reais. Aqui é dez, que isso sirva de recorte histórico dos bares, para que baixem o preço da cerveja pra quem vai beber por amor. Aquele conhecido deve ser desse tipo que gasta os últimos cinco reais do bolso para poder cantar enquanto atravessa a noite.

É COMPLICADO VIR AOS BARES E NÃO NOTAR A QUANTIDADE DE PESSOAS COM O BRILHO DOS SMARTPHONES REFLETINDO EM FEIÇÕES PADRÃO. Aqui, as pessoas às vezes fazem consulta nos aparelhos pra saber nome de música, pra depois procurar no catálogo surrado de mais de dez anos de cantoria e descuido. Não sentei aqui nesse bar pra quase reclamar. Fico com o reflexo das imagens nonsenses do karaokê do Kant Bar nas feições ébrias das pessoas – uma pessoa esquiando na neve, uma casa no meio da floresta, uma imagem estourada de uma praia qualquer.

Deu vontade de pedir uma música. Ultimamente criei um hábito de toda vez que me embriagar aqui eu vou cantar *Zanzibar* no microfone desse lugar no começofinal da Bezerra de Menezes, onde os cantores vivos e mortos são revisitados. Essa sensação de praia de nudismo que a ebriedade dá, onde as vergonhas são postas lado a lado com a epifania, as duas, nuas e solitárias. O dono do bar pede pra não gritar e nem bater palma depois da meia-noite, mas o bar, se for pra continuar cantando, sussurra até o dia amanhecer, momento em que esquecemos o troco do pagamento da vida que a gente recebe em cada esquina dessa cidade.

Repertório da Pipa

Os velhos comedores de passarinhos
Não conseguem assobiar sem cuspir os restos dos seus dentes.
Aguenta mais um pouco, só mais um pouco
Quando os pedaços dos ossos da boca começam a se soltar
É porque não conseguem mais mastigar os ossos
E os pássaros, livres das bocas
Hão de bico em bico
Assobios tão doces, quanto lúgubres.
Os passarinhos hão de cantar uma última vez
QUANDO O ÚLTIMO VELHO DESDENTADO
MORRER DE FOME, DEITADO EM SUA CAMA DEFECADA,
Com uma suástica tatuada nas costas
Que mais parece uma cruz derretendo em sua bunda.

12ª Nação

POR ***Bernardo Lamparina***
MILITANTE DO MOVIMENTO NEGRO.
bernardolamparina@gmail.com

O último 13 de maio de 2019 marcou os 131 anos da abolição dos "escravos" no Brasil. Atribui-se o feito a uma princesa branca de origem europeia. Uma escravocrata ditou os moldes da dita abolição. Na época desta farsa, éramos 58% da população. Hoje, 54%. Em 1888, como agora, nossa cidadania varia conforme a ocasião.

Com o golpe que criou o sistema republicano, o Brasil abandona seus filhos pretos e cria duas campanhas: uma para matá-los e outra para embranquecer a população. A campanha para nos exterminar continua até hoje sem êxito. Já o embranquecimento deixa o norte e o nordeste "atrasado" dos engenhos, em busca de um sul construído a partir da importação de europeus. Este projeto de nação entendeu o embranquecimento como progresso.

O Movimento Negro resiste e cria uma verdadeira pérola de guerra na sobrevivência e reconhecimento de um povo: a Frente Negra Brasileira, em 1931. Os brancos botaram pra lascar e a enterram em 1937, quando se iniciou no Brasil a ditadura também conhecida como Estado Novo (1937-1945).

No entanto, das sementes dessa Frente brotaram outras. Com o golpe militar de 1964, fortalecemos os braços da esquerda na luta contra a ditadura, e, em 1978, é criada a Organização de Luta contra a Discriminação Racial, hoje MNU, Movimento Negro Unificado.

Na 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância promovida pela ONU, em 2001, o Brasil se "declara" racista e se compromete a criar políticas de combate ao racismo e de inclusão da população negra, assinando o documento da conferência.

Em 2003, com o governo popular do presidente Lula, são criados mecanismos de Promoção da Igualdade Racial – uma Secretaria com *status* de Ministério. Outra conquista da época foi a Lei 10.639, que obriga a educação brasileira a ensinar a nossa história e cultura para nós mesmos e para os brancos. No percurso, tivemos a vitória da luta pelas cotas raciais.

Isso tudo poderia ter deixado a população negra em melhores condições de vida e diminuído a fúria racista do Estado que mata negros brasileiros, principalmente os jovens. No entanto, a realidade se deu de outra forma.

Vejamos. Enquanto havia a implementação das políticas públicas de direitos humanos e de promoção da igualdade racial em todo o país, em 2003, os números de assassinatos de jovens negros alcançaram a taxa alarmante de 50% do total de homicídios de adolescentes de 16 a 17 anos no Brasil, enquanto a porcentagem referente aos jovens brancos na mesma idade apontava 29,1% dos casos. Em 2013, após 10 anos, a taxa para os jovens brancos caiu para 24,2% enquanto que, para os negros, essa mesma subiu para 66%. Os dados são do artigo "A violência contra os negros no Brasil", publicado pela *Brasil Debate*.

A violência sobre o povo negro, em particular a juventude negra, não vai acabar no Brasil enquanto nós, o Povo Negro, não mostrarmos ao Estado branco brasileiro que somos uma massa de 113 milhões de habitantes. Nós, brasileiros negros, formamos a 12ª nação em população mundial, enquanto que o Brasil branco fica na 15ª posição.

Mesmo sendo uma nação que ocuparia a 12ª posição mundial, somos um agrupamento sem representantes na política, na economia, na educação, no judiciário. Não ocupamos os lugares de decisão de poder neste país. Podemos dizer que até agora elegemos gente branca para nos representar e isso tem demonstrado que temos errado.

Tanto à esquerda como à direita, o Estado brasileiro nos mata e os representantes eleitos por nós nada dizem. É como se ainda estivéssemos na senzala e, quando um de nós morre, o padre, que tomava chá na sala da casa-grande, socorresse nossa alma, mandando-a para o purgatório.

Precisamos urgentemente tomar as rédeas de nosso destino e construir um país onde não precisemos ser incluídos, nem integrados. Um país com 113 milhões de pessoas só precisa ser incluído na lista como a 12ª nação.

Comunicação e Liberdade

POR **Revista Berro**
revistaberro@revistaberro.com

Vivemos um período de intensa mediação por produtos midiáticos no nosso cotidiano, mas será que somos educados(as) para interpretar estas mídias? Nós da BERRO *sempre refletimos sobre isso, e tivemos a oportunidade de materializar estas ideias quando facilitamos o curso teórico-prático "A Escola é Nóis: Educomunicação e Liberdade", na escola Santo Amaro, no Grande Bom Jardim. Atuar com juventudes nos deu uma resposta: educar as pessoas para leitura crítica da mídia, bem como fomentar a autonomia e a criação de coletivos de comunicação é urgente.*

O curso, focado em educomunicação e direitos humanos, expandiu-se, foi realizado em outros locais, e já alcançou cerca de 150 jovens em bairros e comunidades de Fortaleza como Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa, Cidade 2000, Serviluz, Verdes Mares, Pau Finim, e cidades do interior do Ceará, como Meruoca, Jaguaretama, Milagres, Itapiúna, além de Caucaia, na região metropolitana da capital. Nestas formações podem ser trabalhadas as linguagens de audiovisual, fotografia, impresso, rádio e web.

O modelo de educação mais difundido nas escolas regulares cultua a cópia e o silêncio como forma de manutenção de controle. Falar em autonomia dos(as) estudantes nas escolas é algo que soa perigoso para o sistema escolar; o celular é encarado como um inimigo, artigo proibido. O que propomos modifica a relação entre o(a) jovem e a educação, entre a escola e a tecnologia, partindo da perspectiva de que a comunicação é um direito humano. A tecnologia não é inimiga, ela precisa ser lugar-comum para as juventudes periféricas.

A educomunicação permite o falar e o expressar-se dentro e fora da escola, é jardim de autonomia, possibilitando que todos(as) aprendam conteúdos e empoderem-se do processo de ensino-aprendizagem. O objetivo da BERRO é que estes(as) jovens não apenas acumulem informação, mas saibam analisar o que recebem, procurar fontes, assim como produzir informação de forma autônoma, em qualquer uma das linguagens citadas.

Propomos entender como funcionam os meios de comunicação no país para depois pensar o que se quer construir. O Brasil ocupa índices alarmantes em relação à falta de liberdade de informação. Conforme nos mostra o projeto *Media Ownership Monitor* (Monitoramento de Propriedade de Mídia), um projeto de parceria entre o Coletivo Intervozes e o Repórteres Sem Fronteiras, os 50 veículos de maior audiência do Brasil pertencem a poderosos grupos privados com interesses econômicos, políticos e religiosos. Apenas cinco destes grupos dominam a propriedade de 26 veículos.

Diante desta realidade, pensar que comunicação queremos está na fala da Bruna, que mora na Meruoca, uma das jovens que fez o curso mediado pela BERRO: "Dignidade". Os cursos vão seguir, reeducando audiências, integrando comunicação e direitos humanos à educação e possibilitando o surgimento de coletivos horizontais. Acreditamos que o acesso às ferramentas comunicacionais é indispensável para a construção de uma sociedade livre e com justiça social.

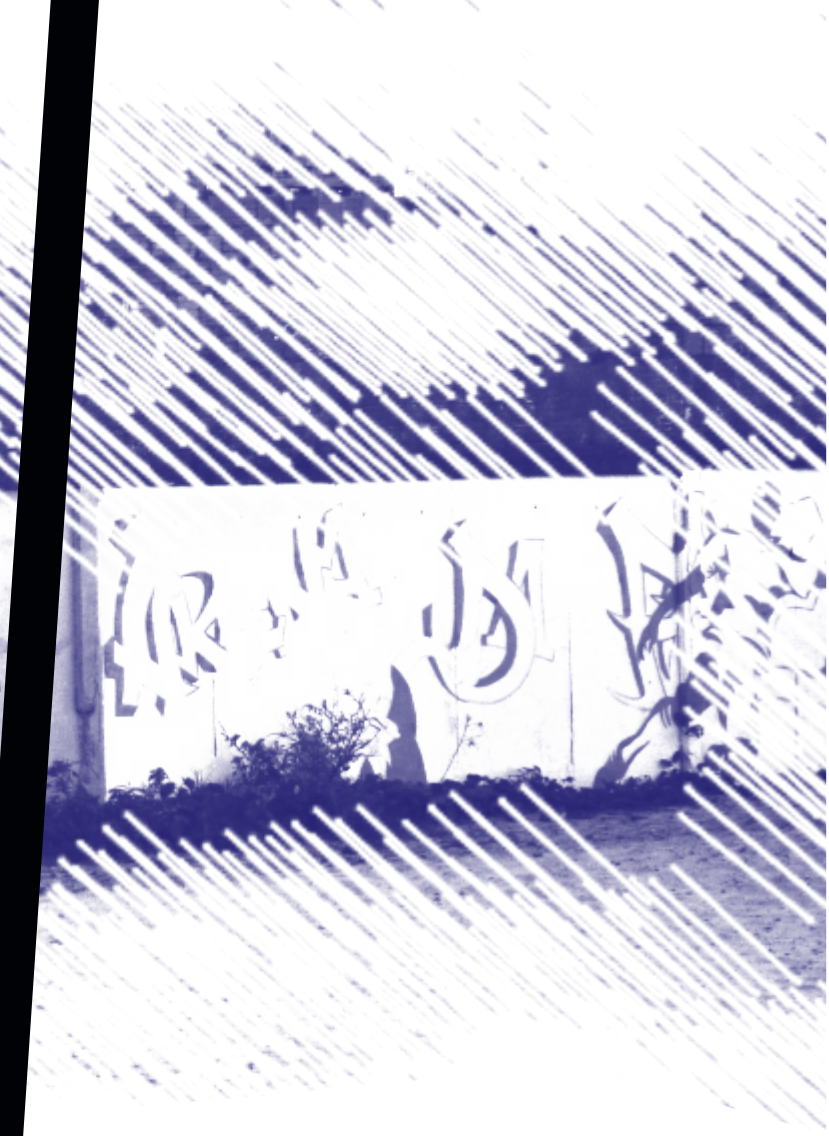
café sem açúcar

por **Vitor Grilo** modelo **Lara Albuquerque**

Criminalização Seletiva

POR *Artur Pires*

Pensar os sentidos inerentes à violência social brasileira não é uma tarefa fácil como querem fazer crer os adeptos do "bandido bom é bandido morto". Se muito já se discutiu sobre esse tema, o que essa reportagem se pretende a trazer de novidade? De início, opto por não buscar a palavra de nenhuma fonte "oficial" do Estado. Assim, vocês não irão encontrar falas de representantes municipais, estaduais ou federais. Explico: estas instâncias estatais já têm espaços institucionais de informação e, uma vez que seus discursos raramente se alteram, pois estão ajustados e padronizados por assessorias de comunicação, a veiculação destas narrativas aqui se tornaria redundante, já que podem ser acessadas em seus próprios canais midiáticos.



O que os "bandidos" das favelas têm a dizer?

Por outro lado, fundamental mesmo é saber o que as pessoas que mais estão em contato com as violências físicas e simbólicas do estatismo e da hegemonia empresarial-financeira têm para contar sobre suas realidades de espoliação. Vou estabelecer um diálogo com as populações moradoras de áreas periféricas em Fortaleza, principalmente com praticantes de atividades criminais, para tentar compreender seus processos subjetivos e práticos e também refletir sobre os efeitos da criminalização seletiva. Os nomes das pessoas praticantes de crimes foram alterados para não permitir sua identificação.

As pessoas com quem conversei são todas do Grande Tancredo Neves (GTN), um complexo de comunidades circunvizinhas de aproximadamente 40 mil habitantes (Vila Cazumba e os conjuntos habitacionais Tasso Jereissati, Vila Verde e Tancredo Neves) situadas na região sudeste de Fortaleza, à margem direita do rio Cocó, que se interconectam e se segregam pelos tráficos de armas e drogas, mas também aproximam-se pelas redes de vizinhança, pelos laços afetivos e de parentesco, e também pelos comércios e serviços.

"Tendo dinheiro tu num vai preso não"

Michel Foucault, em *Vigiar e punir*, denunciou o "mito das classes perigosas". Uma das tarefas mais essenciais do Estado atualmente é a de manter esse mito. Ele pontuou que a culpabilização pelos atos criminais direcionada às camadas populares tem uma funcionalidade estratégica: controlá-las socialmente. As antropólogas Veena Das e Deborah Poole dizem que o controle das periferias é fundamental para a gestão das políticas públicas que sustentam o Estado, e que essa forma de controle é a razão de existir do aparelho estatal moderno.

A associação entre pobreza e crime já foi amplamente deslegitimada por diversos trabalhos socioantropológicos, mas ela é principalmente desmistificada pela própria realidade social. Ora, como sustentar a ideia de que ser pobre aumenta as chances de conduzir alguém à criminalidade se a maioria das pessoas moradoras das periferias não praticam atividades criminais? Se o crime não é inerente a nenhuma classe social, o que ocorre é que os meios judiciários escolhem certos tipos de artigos penais e de pessoas para imputar seletivamente a incriminação. A maioria dos mais de 700 mil presos no Brasil está condenada ou aguardando julgamento por apenas quatro artigos dentre as centenas que existem no Código Penal. Estes quatro artigos estão todos relacionados às práticas delituosas das camadas populares. Desse modo, os reflexos da justiça penal estão direcionados prioritariamente às práticas da criminalidade das classes populares; é em correlação com essa seletividade que as políticas públicas de segurança são forjadas. É como se no Brasil ser po-

bre representasse um atestado de "suspeito".

Nas conversas com as pessoas no Grande Tancredo Neves (GTN), uma pergunta recorrente que eu fazia era sobre o que pensavam da "justiça". As respostas apontam que os moradores e moradoras não ignoram a face violenta do aparelho judiciário. Dona Albanisa, 48 anos, doméstica que não concluiu os estudos, reflete sobre as desigualdades dos meios judiciários: "A justiça é falha! É muito lenta, as coisas acontecem e vêm acontecendo e a pessoa fica esperando pela justiça e se acaba em nada, bem dizer, né? Acho assim... que o dinheiro fala mais alto, se torna mais fácil de fazer justiça. Um pobre pode pagar por uma coisa que não deve; agora, se for um rico, paga aquela dividazinha que ele tem, aí num instante solta... é falha, muito falha a justiça. Tem que falar a verdade, né?". Em sua leitura espontânea, dona Albanisa percebe a desigualdade do aparelho judiciário. Não foi a única.

Pango, 28 anos, é traficante de drogas e de armas e "patrão" de um dos territórios do GTN. "Patrão" é como se chama o líder local de um grupo criminal. Pango me disse que "tendo dinheiro tu num vai preso não. Tu compra todo mundo: juiz, desembargador, promotor". Raposão, 34 anos, traficante de drogas e de armas, e assaltante de residências de luxo, estabelecimentos comerciais e casas lotéricas, também deixava transparecer um desprezo pelo aparato judiciário, um total descrédito no "Estado democrático de direito". Sua experiência como morador de periferia inculcou-lhe a percepção de uma justiça desigual, não acessível às populações faveladas, como se estas fossem indignas de serem atendidas em termos de garantia de direitos civis e sociais pela estrutura judiciária.

Penso que as pessoas pobres, muitas vezes, não recorrem e não confiam nos meios judiciais por saberem, na sua vivência prática, que eles não são constituídos para ajudá-las, mas para enquadrá-las de acordo com as conveniências das normas padrões. Em minhas andanças de duas décadas por periferias de Fortaleza, percebo que as camadas populares nutrem uma descrença generalizada numa suposta lisura e igualdade dos aparelhos judiciários.

"O crime nunca vai acabar por causa da polícia"

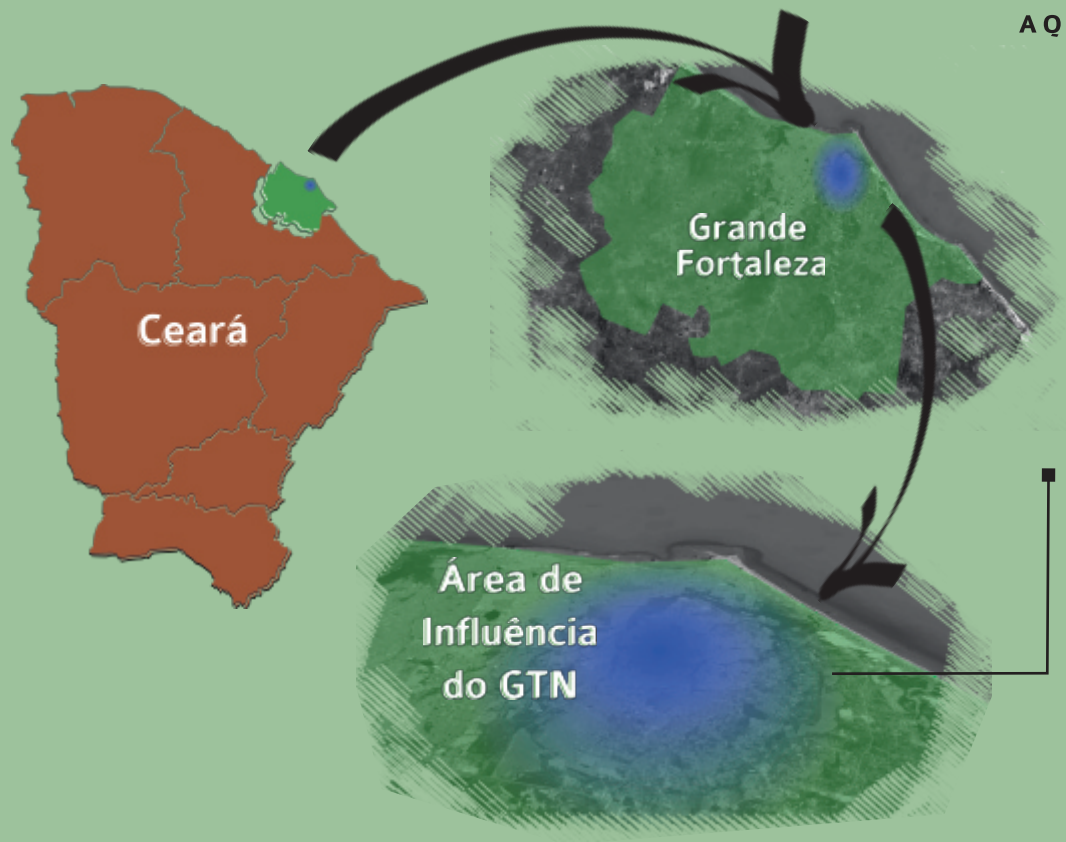
O descrédito na justiça é justificado principalmente pela conflituosa relação das populações periféricas com o braço do aparelho judiciário com o qual convivem localmente: a polícia. "A polícia ensinou que a justiça é sem valor", canta o grupo de rap RZO. Pergunto a dona Celina, 57 anos, moradora do GTN, se ela confia na polícia: "Rapaz, assim, com um pezim atrás, né? Lógico! (risos)". Em conversa com outro morador, José Antônio, 28 anos, desempregado, questiono-o se ele tem medo da polícia: "Num tenho entre aspas, mas num confio, né?". Em geral, o discurso dos "trabalhadores" do GTN em relação à polícia se situa numa zona entre a desconfiança, o medo e o descrédito enquanto instância representativa de direitos e de cidadania. Mesmo pessoas que nunca se envolveram diretamente com atividades criminais carregam esses sentimentos porque muitas vezes um parente, filho, vizinho, cônjuge, etc. já foi vítima de abuso policial.

Acredito que a classe trabalhadora sabe que a polícia está ali principalmente para controlá-la e forjá-la como "classe perigosa", bem como percebe que há uma enorme desigualdade de tratamento por parte do aparelho policial entre ela e os segmentos dominantes. No entanto, há uma dubiedade nessa relação: não foram poucas as vezes em que os "trabalhadores" e "trabalhadoras" do GTN deixaram escapar nas conversas apoio à truculência dos militares contra os "bandidos". Considero que nesse processo repousa uma assimilação do discurso opressor, ou seja, a linguagem que os meios de produção simbólica da realidade (escola, mídia, igreja, Estado etc.) lhes ensinou desde sempre a cultuar e reproduzir.

Cabe dizer também que a maneira de agir dos órgãos policiais não pode ser separada do funcionamento generalizado do Estado. A polícia aparece como a agência estatal que mais notoriamente incorpora e atualiza a violência institucional, não como exceção, mas como regra, e inclusive sob a proteção das leis e do seu corporativismo. A investigação contra policiais, conduzida pelas corregedorias militares, funciona muitas vezes como um "ritual de dissimulação", para usar a expressão do sociólogo Paulo Sérgio Pinheiro. Segundo Orlando Zaccone, delegado de polícia fluminense, de 2005 em diante, no Rio de Janeiro, 99,2% dos inquéritos nos quais um policial matou um "trabalhador" foram arquivados ou não investigados.

As favelas são territórios que funcionam como ilhas de extorsão e de lucros materiais, políticos e de representação dentro da estrutura policial.

Entretanto, é principalmente na relação de troca de interesses com os "bandidos" que a polícia investe sua decisiva participação nas periferias. As favelas são territórios que funcionam como ilhas de extorsão e de lucros materiais, políticos e de representação dentro da estrutura policial. Não há atividade criminosa nas comunidades populares sem a garantia dos agentes policiais, que, além das extorsões, ainda vendem armas, munições e drogas apreendidas em outros locais.



A área de influência do mercado de armas e drogas do Grande Tancredo Neves se estende por muitos bairros vizinhos, disputando a hegemonia nessa região da cidade com o Barroso, com a comunidade do Lagamar, na Aerolândia, e com a comunidade do Pôr do Sol, na Messejana. Somados, esses mercados ilegais movimentam mais de uma dezena de bairros onde vivem cerca de 500 mil pessoas.

Ao longo destas duas décadas em que ando pelo GTN nunca ouvi relatos tampouco presenciei eventos de "honestidade" policial. Quando digo "honestidade" não me refiro à prática cotidiana de percorrer as ruas do bairro com viaturas, nem de ficar como sentinela às esquinas. Refiro-me a uma generalizada omissão para interromper a economia da corrupção, como se a minoria "honesta" baixasse a cabeça ao esquema de extorsão, propinas e venda de armas e drogas. A fala de dona Celina, 57 anos, moradora do Tancredo Neves há mais de trinta anos, dialoga com essa questão: "Tem o policial que quer fazer o trabalho dele, com dificuldade, mas faz, e existe aquele policial que não tá nem aí, né? Faz logo as amizades, pode tudo correr frouxo, aí quem quer trabalhar realmente não pode porque o amigo já abriu as portas, o outro já abriu, já fica vulnerável, né?". Baseado nos dados obtidos nas conversas com as pessoas do GTN e também em uma vivência pessoal, a regra hoje nas polícias, com as óbvias exceções, é a corrupção desenfreada, o racismo e a violência institucional.

Em diálogo com estas constatações, Prensado, 31 anos, ex-traficante de drogas e ex-assaltante no GTN, me disse que "a pior coisa que tem no crime é gambé (policial). Se num tiver dinheiro pra pagar, ele vai logo ameaçando: 'A casa vai cair'. Aí tu fica naquela: será que o gambé vai tacar o pé na minha porta?". Luciano da Rocinha, um dos chefes do tráfico na maior favela do Rio de Janeiro, entrevistado para o livro *Cabeça de porco*, de MV Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares, escancarou sua relação com os policiais: "Eu dava mil reais por dia para cada policial que fazia a ronda embaixo da Rocinha. De vez em quando eles subiam para capturar umas armas e mostrar serviço. Era tudo arranjado. A gente dava pra eles, eles mostravam para os repórteres e devolviam no dia seguinte".

Outra prática de extorsão policial comum em qualquer área periférica do Brasil é o "alvará de funcionamento" de uma bocada, para usar os termos do sociólogo Daniel Hirata, que observou o mesmo processo nas periferias de São Paulo. No GTN, diversas viaturas fazem a cobrança sistemática desse alvará. Funciona da seguinte forma: para "fazer de conta" que não sabem da existência de uma "boca de fumo", os policiais recolhem semanal ou quinzenalmente "mesadas" ou "trocos" dos traficantes varejistas. Esse valor é negociado. Pango, por ser "patrão" de um território, chega a pagar mil reais por semana. Para efeito de comparação, Papagaio, 36 anos, que "arrendava" uma boca de Raposão, pagava 250 reais por quinzena: "Mas era sagrado eles parar aqui e eu responder o dinheiro deles. É uma máfia medonha (risos)". Estes acordos são extremamente frágeis e implicam apenas uma permissão para funcionar, não uma proteção total e irrestrita.

A outra maneira que os policiais conseguem lucros econômicos que incorporam aos seus baixos salários, além do "alvará de funcionamento", é o contrabando de drogas e armas, muitas destas de uso exclusivo dos aparatos militares. Samurai, 30 anos, que trabalha vendendo maconha e cocaína em um território do GTN, me ajuda a contar essa história. Pergunto-lhe quem é seu fornecedor de arma e droga: "Macho, tem um cara né, lá da serra. O cara tem muita arma lá. Ele é polícia. Pega ali, aí vende aqui. A polícia é traficante mah. Vai numa festa de traficante pra tu ver. Numa festa quando tu entra já se bate com três policial". Raposão também comenta sobre o tráfico de armas que é comandado pelas agências militares: "O tráfico de arma rola assim: você conhece um cara que trabalha na parte onde fica guardado os armamento, o armeiro do exército, da delegacia, seja onde for, em todo canto desse tem um armeiro, é onde fica guardado as

arma que são apreendida. Ali você paga quinhento pro inspetor, quinhento pro permanente e quinhento pro delegado. Um pacote de mil e quinhento, dois mil (reais). Aí te dão uma pistola, um TA (revólver Taurus) e um budogue (calibre 38), é o kit. Tráfico de arma começa aí, que a polícia fornece". Pango reitera as falas de Samurai e Raposão. Indago-lhe sobre o fornecimento de armas: "Macho, é os cana (policiais) mesmo. A polícia apreende uma arma aqui, dá prum fulano que é conhecido dele vender ali, e assim vai adiante. As armas (que eles apreendem) volta tudo (pras ruas). Delegado, advogado, policial, eles tudim vende. Num tem um que não venda mah. Arma e bala. Até droga eles vende. Só que quem compra num vai dizer que tá comprando de cana né, fica só entre eles ali. O crime nunca vai acabar por causa da polícia mah, muito corrupto, muito corrupto mesmo, num dá nem pra contar. Agora, eles se esconde dentro da farda deles. Mas os vagabundo mais vagabundo são eles mah, que usa a farda deles".

Vou contar um relato que me surpreendeu pelo ineditismo. À primeira escuta, não acreditei. Mas, depois de muito desconfiar e deixar isso claro, fui convencido pelas expressões corporais da pessoa de que o caso era verídico. A história me foi contada por Saci, 26 anos, um ex-assaltante, que hoje trabalha informalmente de vigia e "agiliza" pequenas quantidades de maconha e cocaína para os moradores da área onde exerce função de vigilância. Ele começou a assaltar muito jovem, aos 11 anos. Nessa mesma época, começou a trabalhar de "avião" para "traficantes" do GTN. Como ficou "conhecido na mão da polícia", era colocado na viatura e intimado a praticar assaltos estilo "saidinha bancária" em benefício dos policiais.

"Às vezes quando eu tava dormindo eles iam me acordar pra mim ir roubar, mah. Aí me davam um revólver, aí eu ia pro mato, aí ficavam me esperando na esquina. Teve uma mulher que eles disseram tudim, a roupa que ela tava, tudo. Aí ela ia saindo com um envelope na mão. Aí na hora que ela tava saindo eu metia o assalto, e depois entregava o ferro (arma) a eles. Eles pegava o envelope, tirava uma parte, me dava uma parte, e mandava eu sair fora: 'Vá simbora'. Roubei muito pra eles, mah. Nós também pagava pra eles sair ali da Zé Leon (avenida José Leon, que desemboca na BR-116). Cheguei a pagar muitas vezes pra eles saírem dali pra mim roubar lá, mah".

(...) reformar a prisão parece ser o único programa administrativo da estrutura penitenciária. Se há uma obviedade do seu "fracasso", por que o sistema prisional se mantém como insubstituível?

As políticas públicas pensadas para o sistema de segurança respondem a anseios da sociedade por mais policiamento nas ruas. No Brasil, o aumento do efetivo policial transformou-se em sinônimo de êxito governamental. Se o desemprego generalizado é a tônica dos últimos anos, por outro lado, as "autoridades" vão à imprensa gabar-se de que duplicou-se ou triplicou-se o quadro de soldados, como se isso por si só tivesse a eficácia mágica de solucionar os problemas relacionados às muitas violências da sociedade brasileira. Uma canção do grupo de rap RZO ilustra perfeitamente essa questão: "Sistema sabe onde investe: só tem vaga pra trampar na polícia militar, corrupção vai aumentar".

Estado punitivo-penal e a produção social da delinquência

Se aparentemente as funções mais importantes desempenhadas pela polícia nas comunidades pobres são liberar o "alvará de funcionamento" das bocadas e vender armas e drogas para os traficantes varejistas, não menos relevante é sua função de prender. Os sistemas prisional e policial dependem mutuamente, formam um circuito de mão dupla. Há uma funcionalidade econômico-política no encarceramento, como já nos ensinou Foucault. Segundo ele, essa funcionalidade se baseia na produção social de uma delinquência forjada em pessoas das classes populares. O Brasil tem hoje mais de 700 mil pessoas presas, quase todas vindas de periferias, vielas, cortiços, conjuntos habitacionais, assentamentos precários etc.

Pensemos na funcionalidade econômica da prisão: a produção da delinquência estimula a produtividade dos mercados ilegais capitalistas, como as diversas modalidades de tráfico: de drogas, de armas, de pessoas etc. Os fluxos lucrativos dessas atividades estão todos irrigando o sistema financeiro internacional. Por outro lado, a construção social de um *homo criminalis* dissemina o medo entre a população e, como efeito, torna desejável o sistema de controle policial. É construída então a figura do "bandido", uma espécie de inimigo social que deve ser exterminado ou enjaulado.

Dessa forma, é quase impossível aos praticantes da criminalidade pobre evitarem a prisão em algum momento de suas trajetórias. Quase todos os "bandidos" com quem conversei já tinham sido encarcerados. Também tinham parentes, amigos, etc. que estavam ou haviam sido presos em algum momento de suas vidas. É difícil imaginar algum morador do GTN que não conheça alguém que está ou já esteve no circuito prisional. O cárcere é uma referência muito presente em áreas pobres. As vidas de "presidiários" ou

"ex-presidiários" padecem de um estigma que gruda na pele como mancha que não se apaga. Nesse contexto, a política pública proibicionista tem relação direta com a expansão carcerária nos últimos trinta anos. A aclamada "guerra às drogas" tem como função primordial o aperfeiçoamento da gestão sobre as camadas populares por meio do sistema penitenciário. Raposão comenta sobre a primeira vez em que foi preso, após uma tentativa de assalto frustrada a uma lotérica: "A cadeia não é centro de reabilitação coisa nenhuma, é uma máquina de fazer bandido. Quando você entra numa cadeia, parece que você entrou num programa de computador, que ali tudo é ligado. Tu conhece tudo, sabe onde todo mundo tá, pode rastrear toda e qualquer pessoa".

Parece-me óbvio o fracasso da prisão em sua pretensa dimensão humanitária. É difícil encontrar alguém disposto a questionar essa evidência. No entanto, nunca se pensa em desinvestir do sistema penitenciário e adotar outro paradigma penal. Como nos ensinou Foucault, há dois séculos o sistema prisional vem sendo receitado como seu próprio remédio: reformar a prisão parece ser o único programa administrativo da estrutura penitenciária. Se há uma obviedade do seu "fracasso", por que o sistema prisional se mantém como insubstituível? Ora, porque ao produzir uma delinquência útil à lógica político-econômica, ele se converte em parte imprescindível da ordem dominante. Para esta ordem, a prisão não é um "fracasso"; pelo contrário, ela cumpre eficazmente com a sua funcionalidade dentro das políticas estatais: o controle das populações periféricas.

A "escolha" é uma escolha? Compreendendo o ingresso nas relações criminais

Pode-se decretar que alguém "escolhe" ser "bandido", como se fosse uma opção prática entre ser "traficante", médico ou engenheiro? Que escolhas profissionais surgem como viáveis às gerações de jovens que nascem nas favelas brasileiras? De que maneiras as muitas privações materiais e simbólicas interferem nas dinâmicas psicológica e social dos jovens envolvidos na criminalidade pobre? Como as muitas violências físicas e subjetivas incidem nos modos de pensar e agir dos indivíduos pobres que aderem à carreira criminal?

Conversando com dezenas de pessoas que aderiram às atividades do crime no GTN, observei que esta "escolha" é atravessada por variáveis sociais (contextos macros e microssociológicos) e individuais (psicológicas). Dentre estas configurações, uma que se apresenta como óbvia é a luta por sobrevivência material. Pango comenta que entrou no tráfico "porque minha mãe e meu pai num tinha muito condições de dar as coisas pra gente, aí resolvi entrar. E tô até hoje, né, mah, lutando pra sobreviver". Cleandro, 45 anos, desempregado e que foi um dos pioneiros no fornecimento de crack no GTN em meados dos anos 1990, dispara: "Criei minha fiazinha um certo tempo só às custa de droga".

Outra motivação recorrente é a desigualdade entre as vantagens econômicas das práticas delitivas se com-

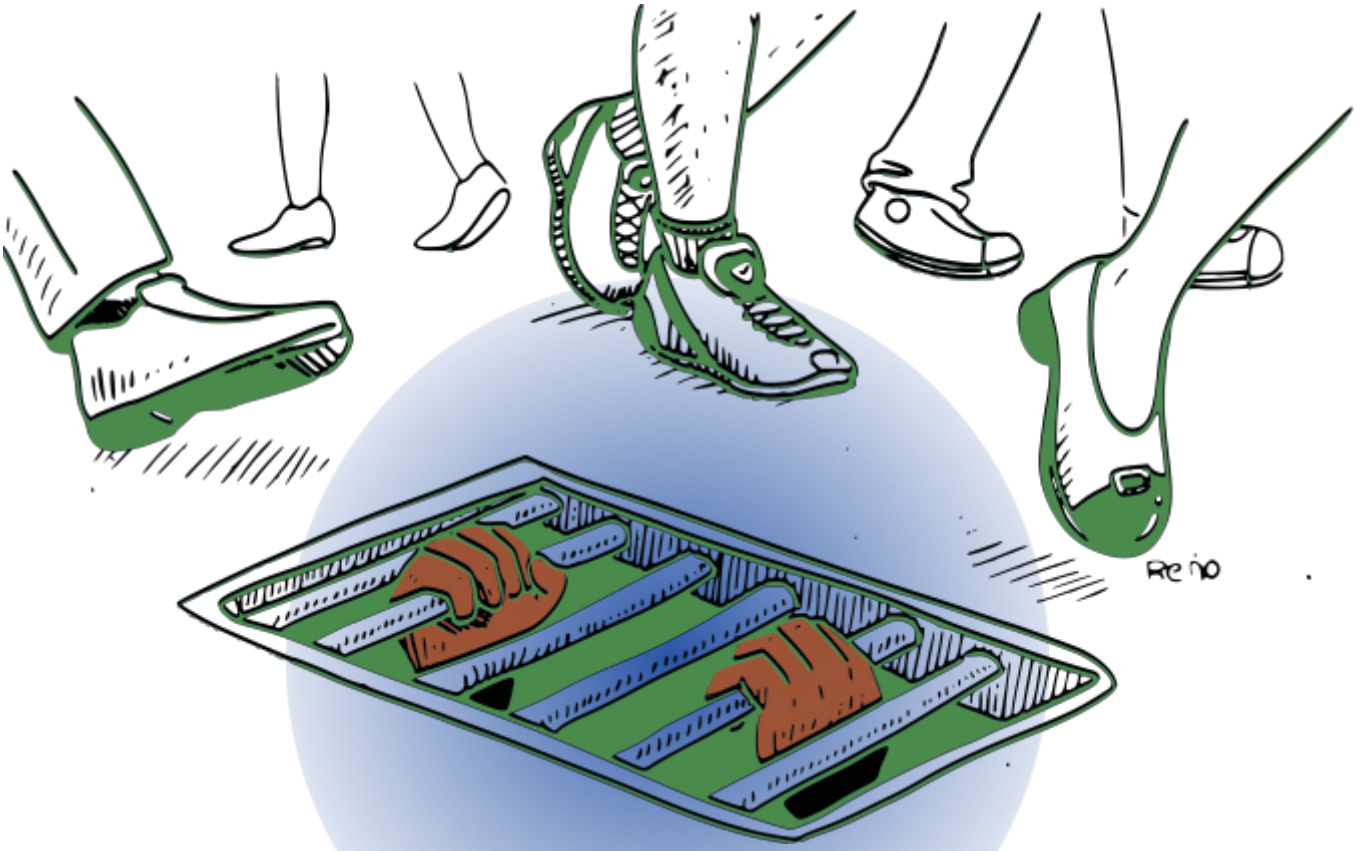


ILUSTRAÇÃO *Reno*

paradas aos rendimentos das subcategorias do mercado de trabalho capitalista. É exatamente essa a leitura que me fez João, que trabalhava com assaltos, homicídios e com o tráfico varejista. Algum tempo após nossa conversa, ele foi morto por um policial durante uma tentativa malsucedida de assalto: "Se fosse pedreiro, ganhava mil reais trabalhando o dia todo no sol quente. Se for pra trabalhar de servente, pintor, carpinteiro, o nêgo num sai dali! Dá não mah, pra trabalhar assim não. Se quiser uma coisinha a mais tem que ir pro crime mesmo".

Outra configuração que se apresenta como mola propulsora para a "escolha" pelas práticas criminais são as coerções da sociedade do consumo, na qual consumir é sinônimo de felicidade e vida plena. A essência do problema reside justamente no fato de que ricos e pobres desejam os mesmos objetos de consumo. Os objetos de desejo tornam-se extensões estético-visuais: carros, celulares, aparelhos de tevê, roupas de grife, relógios, óculos escuros, joias etc. não são mais coisas em si mesmas, mas projeções idealizadas de seus possuidores. É como diz Pango: "Troco o visual, pinto o cabelo, boto óculos, me visto todo na grife". Papagaio também ajuda a contar essa história: "Todo final de semana eu tava no *shopping* comprando roupa de marca, essas roupa aqui ó... era *Maresia*, era *Smolder*, era *Cyclone*, era chinelo, era meio mundo de roupa mah".

A conquista sexual é outra motivação para o ingresso nas relações criminais. Há toda uma estética da bandidagem favelada que atrai feito ímã parte considerável das garotas. O simbolismo de manejar poder, dinheiro, objetos de consumo e armas em condições de subalternidade talvez seja a principal associação que explique esse fenômeno. Pergunto a Papagaio o que ele conseguiu com o dinheiro do tráfico, além de roupas, motos e acessórios: "Várias mulheres ó, mah. Várias mulheres (riso orgulhoso). No forró, eu ia, aí chamava minha namorada, tinha que andar no forró assim (abraçado com ela), porque várias olhavam".

Analisando a partir de outra perspectiva, é importante perceber também que a criminalidade pobre se reveste como uma possibilidade desses jovens se fazerem existir socialmente. O culto da violência próprio das gangues e facções é uma maneira de construir identidades prestigiosas. A gangue, a quadrilha ou a facção fetichizam os jovens da criminalidade favelada porque se apresentam como uma rede solidária de ações recíprocas e coletivas e também como um núcleo de agressividade e reação a tudo o que contraria seu direito de existir e de exercer poder. As "parcerias" geradas nas facções funcionam como um mecanismo de proteção psicológica a um sujeito muitas vezes instável e inseguro, marcado por estigmatizações. "A revolta (contra o preconceito racial e de classe) também gera isso aí", me disse Camaleão, 31 anos, que trabalha com o comércio de drogas no GTN.

Portanto, pensar a "escolha" pela "vida no crime" nas periferias é embrenhar-se numa floresta de possibilidades, facilitadas ou dificultadas de acordo com circunstâncias psicológicas e sociológicas específicas. Para esse exercício, é fundamental abdicar dos julgamentos morais condicionados e esforçar-se por compreender as dinâmicas subjetivas e sociais que constroem essas tomadas de decisão. Uma reflexão: poderíamos pensar as ações desses jovens como uma economia moral da contra-violência, uma revolta justificada como vingança perante a uma violência estrutural praticada pelo Estado e pelos segmentos empresariais hegemônicos?

ILUSTRAÇÃO **Cris Cysne** "DOIS PESOS, DUAS MEDI-

FOTOS *Artur Pires*

O cotidiano no Grande Tancredo Neves, Fortaleza/CE

"É o certo pelo certo": Os códigos morais da criminalidade pobre

Nas relações sociais dos "bandidos" nas favelas vigora uma ética própria, um código moral marginal às leis normativas. Este código se difundiu no Brasil junto com o banditismo urbano dos anos 1960 e 1970 e se reatualiza de geração em geração. Complementa-me João, com as marcas do vivido: "A honestidade do bandido é a palavra. Quem não tem palavra é pirangueiro. E pirangueiro morre logo. É o certo pelo certo, pivete. O errado tem que ser cobrado". No entanto, a partir do início dos 2000, com o aumento desenfreado no acesso a armas de fogo, os "criminosos" muito jovens, entre 10 e 15 anos, transgrediram muitos dos acordos que regulavam a conduta e o comportamento de um "bandido homem", provocando perda de credibilidade da ética criminal.

Alguns dos pilares de sustentação deste código, que são a política de "proteção" aos moradores da favela e a inviolabilidade de suas casas, começaram a ser desrespeitados pelos "pivetes", o que provocou um desarranjo nas relações criminais e uma descrença, por parte dos "trabalhadores", na eficácia das regras morais do "crime". Prensado é enfático: "É safadeza, cara, você fazer pirangagem onde mora, porque tem trabalhador, cidadão, família. Se num respeita seu barraco, respeita o barraco do próximo. Vale a pena roubar a pessoa que tenha dinheiro: bó roubar um banco, um caixa eletrônico? Mas roubar um pai de família, parceiro? Ladrão que rouba pai de família, que mata pai de família, pra mim merece morrer".

Perguntei a alguns dos praticantes de atividades criminais se o "crime" tinha alguma lei. Papagaio dá a sua versão: "A lei do crime é andar certo, na linha. Não desandar do bagüi (bagulho), não roubar cidadão, respeitar as vizinhança, tá entendendo? E se nós pega estrupador (estuprador), nós bota pra matar tudim, estrupador, cabueta, boca de prata, x-9". Já Pango comenta que "é não comer nada de ninguém, trabalhar direito, num querer comer a mulher de outro bandido, e ser humilde mah. O cara sendo humilde e

respeitando, ele entra em todo canto, primeira das coisas ele tem que ser humilde". Ser humilde, neste sentido de Pango, não é ser "bonzinho" ou "otário", mas ser esperto e astuto ao estabelecer zonas de empatia por todos os lados da atividade criminal. A ética do "crime" é também ética de sobrevivência e malandragem.

A eficácia simbólica das facções

Tão forte quanto o discurso público que demoniza as facções é seu poder quase mágico de atrair jovens das periferias. O fenômeno "facção" é muito recente no Ceará. Foi somente a partir de 2015 que o termo facção passou a ser explorado com mais força pela mídia cearense. Ao contrário do que pode parecer, não foi apenas em 2015 que facções do Rio de Janeiro e de São Paulo chegaram ao estado.

O Comando Vermelho (CV) chegou ao Ceará em meados dos anos 1980 e duas ações pontuais indicaram sua presença em território cearense: um assalto a uma joalheria, em 1986, e o sequestro e assassinato de um corretor de imóveis por um membro da facção, em 1987. Entre meados e o final dos anos 1990, o CV enxergou no Nordeste um local estratégico para o escoamento da cocaína que vinha da Bolívia e da Colômbia. O delegado da polícia civil cearense, Francisco Crisóstomo – que comandou as investigações relacionadas ao "crime organizado" no Ceará desde os anos 1980 –, disse que Fernandinho Beira-Mar, principal liderança do CV, esteve no Ceará nos anos 1990 para organizar o ponto final de uma rota de cocaína vinda da Colômbia. Em Fortaleza, o traficante alugou um apartamento no Jardim das Oliveiras, bairro onde está inserido o complexo de favelas do GTN.

O Primeiro Comando da Capital (PCC) chegaria ao Ceará nos anos 1990. Até onde se sabe publicamente, nesse início a facção paulista não estava envolvida com o tráfico de drogas no Estado. O grupo de São Paulo estava mais interessado em assaltos a empresas transportadoras de dinheiro. Dois eventos "cinematográficos", como os assaltos à Corpvs, em 1999, e à Nordeste Segurança de Valores (NSV), em 2000, demarcaram a chegada do PCC ao Ceará. Marcos Camacho, o "Marcola", apontado pelos órgãos policiais como líder do PCC, estava entre os participantes do segundo assalto. Maurício Alves Ribeiro, o "China", foi o principal integrante do PCC preso após o assalto à NSV. Foi ele quem, no início dos anos 2000, no Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), iniciou os "batismos" de presidiários cearenses à facção paulista.

Portanto, o processo de imersão das facções CV e PCC no Ceará não é de 2015 para cá, mas vem se desenvolvendo paulatinamente nas últimas duas ou três décadas. O que se percebeu nos últimos três ou quatro anos foi uma intensificação dessa presença no território cearense. Tomei conhecimento da "chegada" das facções alguns meses antes da imprensa local dar "furos" jornalísticos. No segundo semestre de 2015, as facções PCC, CV e Família do Norte (FDN), esta do Amazonas, estabeleceram-se na região do GTN e implementaram uma pausa nas disputas territoriais em nome de uma maior lucratividade nos negócios clandestinos, configurando assim um modelo de "crime organizado" nunca antes experienciado no local. Apenas depois de alguns meses, a Guardiões do Estado (GDE), facção cearense, conquistaria membros e microterritórios no GTN e também se ajustaria à nova configuração.

Tão forte quanto o discurso público que demoniza as facções é seu poder quase mágico de atrair jovens das periferias.

Assim, em quase todo o ano de 2016, após os acordos de "paz" entre as facções no Ceará, houve uma redução brusca no número de mortes violentas. O Governo do Estado negava a existência desses grupos. No entanto, a "paz" não permaneceria por muito tempo: os "acordos" foram quebrados ainda no final de 2016. Quando as taxas de homicídios voltaram a crescer rapidamente, em 2017, o governo cearense enfim reconheceu a presença das facções no Estado e atribuiu exclusivamente a "disputas pelo tráfico" o crescimento dos índices de letalidade.

Com o fim da "paz", o PCC se alia à GDE para contrabalançar a aliança entre CV e FDN. Os conflitos entre as facções se espalharam por todo o Estado em 2017. Duplos e triplos homicídios passaram a ser recorrentes nos noticiários. E chacinas com quatro vítimas ou mais pipocaram pelo Ceará. Em 2017, houve oito chacinas, com 46 mortos. Os doze meses de 2017 foram os mais violentos em relação a crimes de homicídio na história do Ceará. O ano encerrou com 5.134 eventos desse tipo, uma média de 14 assassinatos por dia. Em 2018, apenas no primeiro semestre, foram contabilizadas sete chacinas, com um total de 48 pessoas assassinadas. Nas primeiras semanas de 2019, houve a maior sequência de ataques a prédios públicos, transportes coletivos, viadutos, etc. na história do Ceará, após uma união estratégica entre as facções para pressionar o Governo do Estado a não reformar o sistema prisional cearense.

Em resumo, parece-me óbvio que as maneiras de operar as relações criminais mudaram no Ceará. Uma nova estética criminal está surgindo. Os reflexos mais superficiais estão nos dados estatísticos que apontam para homicídios e ataques. No entanto, acredito que dentro desse contexto há movimentos e

efeitos subterrâneos que ainda não se mostraram. Uma das pistas pode estar bem longe das favelas onde jovens se digladiam para comandar os negócios do tráfico varejista. Há uma afinidade entre as estruturas criminais das facções e as formas políticas tradicionais. O sistema de relações sociais do crime no Brasil tem hoje na reciprocidade entre as facções criminais nacionalizadas e a política partidária seu exemplo mais bem lapidado de ligação hierárquica entre a pobreza das favelas e os privilégios dos altos escalões do estatismo.

Na eleição de 2016, investigações policiais apontavam que o PCC articulava à época eleger dez prefeitos e cinquenta vereadores no Ceará. Em 2018, moradores de comunidades dominadas pelo CV, em Fortaleza, foram informados, por meio de circulares impressas e manuscritas distribuídas nas localidades, que não poderiam veicular propagandas partidárias de determinados candidatos tampouco trabalhar em suas campanhas eleitorais. Mais relevante do que pensar como as facções estão inserindo-se na política partidária, é necessário compreender os interesses do jogo político tradicional para permitir a entrada dos faccionados nesse esquema de representatividade. Quais as estratégias do estatismo-empresarial para consentir o ingresso na representação eleitoral de políticos "laranjas" aliados às facções ou até mesmo de chefes faccionados, os chamados "pilares"?

Eu me inclinei a pensar estas pistas influenciado por uma fala de Pango. Ele me narrava sobre a estrutura das facções: “Os pilares é cruel mah. Tu num sabe nem quem é. Tá no meio de ministro, já tão nos plenários eles, tão no meio lá, já chegaram lá. Daqui uns dias chega na presidência (da República). Dinheiro, é muito dinheiro rodando”. Caminhando na mesma trilha, Prensado me disse que “o PCC tem até promotor, juiz, todo mundo sabe”.

Palavras finais de esperança

O maior compromisso ético que busquei nessa reportagem foi humanizar os “bandidos” com quem conversei. Dar-lhes um caráter de gente, de pessoas que mereciam ser ouvidas. Não se vê isso na “mídia”. É preciso entender que ser “bandido” é apenas mais uma função que eles exercem entre tantas outras no dia a dia, como ser filhos, netos, pais, amigos, esposos, jogadores de futebol amador, ambulantes, frentistas, entregadores, embaladores, etc.

É preciso entender que ser “bandido” é apenas mais uma função que eles exercem entre tantas outras no dia a dia (...)

Em relação às suas atividades criminais, sustento que são ações ambíguas: de um lado, lançam mão de práticas que desobedecem às normas da ordem social. Indisciplinados. Na outra ponta, no entanto, reproduzem e mantêm estratégias políticas de poder autoritárias, violentas e hierárquicas próprias do Estado e dos meios empresariais. Nesse sentido, as relações criminais dos jovens pobres expressam uma rede de significados que somente podem ser compreendidos à luz das suas próprias contradições, conflitos, astúcias e resistências.

Se esta reportagem pretende ser uma crítica política do estado das coisas, a crítica política por si só é insuficiente. Considero que precisamos ter a esperança como dever e a prática micropolítica como imperativo ético cotidiano. Precisamos aprender com nossas próprias contradições, beber nelas a força do devir-mundo novo, mundo em que o Raposão, o Papagaio, o Pango, o Samurai, o Prensado, o Camaleão, entre outros “bandidos”, tenham as mesmas oportunidades civis e socioeconômicas que as minhas, por exemplo.

Por fim, quero dizer que a criminalidade favelada gera um conflito permanente na estrutura social. Nesse sentido, a violência e o conflito nunca terão fim, porque são constituintes de todo sistema social. São eles – violência e conflito – que acionam os dispositivos históricos, psicológicos e sociais necessários à mudança. Se a conservação de uma hegemonia dominante tem sido a regra, o potencial de mudança e de transformação social, porém, nunca deixou de ser possível.

A segurança como projeto político para a desigualdade

POR ***Luiz Fábio Silva Paiva***
PROF. DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
E PESQUISADOR DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA (LEV/UFC).
luizfabiopaiva@gmail.com

Desde o período colonial, no Brasil, os pobres, negros e indígenas são tratados como ameaça à segurança de uma nação que se constituiu por meio de violações de direitos e concentração das riquezas nas mãos de uma minoria. Enquanto se espera de sociedades democráticas o mínimo de organização da vida social, no Brasil os governos pós-imperiais insistiram em não realizar reformas para melhorar a convivência entre os grupos sociais dominantes e subalternos.

Nesta sociedade, os "cidadãos de bem" são proprietários de bens e, por meio de heranças e aproximações com o poder político, garantiram uma série de direitos e privilégios. Do outro lado estão os sujeitos que ameaçam essa ordem, retratados na figura do "bandido". Esse "bandido" não é apenas a pessoa que comete crimes, mas todos aqueles que rejeitam essa ordem das coisas e questionam porque a terra, por exemplo, tem que ficar nas mãos de um número ínfimo de famílias enquanto milhares de pessoas lutam pelo direito de poder trabalhar nela. Longe de serem proprietários originários da terra, muitos destes são descendentes de grileiros que usurparam a terra de povos ancestrais e comunidades tradicionais.

Outro exemplo de como as injustiças se estabelecem no país está na gestão do salário dos trabalhadores brasileiros. A mesma união federativa que paga o mínimo de novecentos e poucos reais, paga o incrível teto de trinta e nove mil reais. São contradições que tornam a convivialidade democrática impossível entre pessoas que deveriam gozar de direitos e oportunidades iguais.

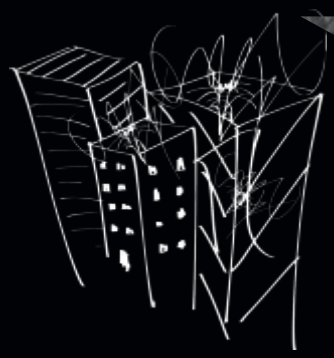
Desta maneira, ao optar por manter uma ordem injusta e desigual, não restou alternativa para governos brasileiros fazerem outra coisa que não seja o gerenciamento de conflitualidades decorrentes de realidades heterotópicas, repletas de possibilidades criativas e destrutivas em que cada segmento social cria suas próprias utopias e maneiras de viver em adesão ou contraposição ao projeto nacional. Ricos criaram seus estilos de vida distantes dos problemas nacionais, com seus enclaves fortificados, suas escolas caríssimas, suas viagens de férias para a Europa, seus carros blindados e espaços controlados por serviços especializados de segurança. Os pobres também criaram suas próprias utopias e estilos de vida. A maior parte da população pobre do Brasil aceita a sua condição como um destino e, humildemente, pede a Deus a chance de uma vida melhor para si e seus filhos. Sem a mesma resiliência da maioria dos trabalhadores pobres, uma parte dessa população criou outras utopias e estilos de vida fundamentados na ideia de que armas e drogas podem garantir poder e dinheiro.

Para entender o envolvimento de pessoas com o crime no Brasil é preciso sair do lugar-comum dos julgamentos morais e mergulhar na compreensão do que essas pessoas dizem e como elas retratam seu engajamento em coletivos criminais. Somente assim é possível entender os efeitos sociais das contradições que possibilitaram a ascensão de coletivos criminais fundamentados em utopias e projetos de paz, justiça e liberdade dentro e fora das prisões. A utopia do crime, no entanto, não encontra eco apenas nas pessoas pobres que vivem do trabalho, mas também nas pessoas pobres que dedicam sua vida a fazer a segurança pública em uma sociedade desigual. O ódio que o policial sente do bandido pode ser compreendido pelo fato de ele ser tão pobre quanto a pessoa que enfrenta, mas ter construído para si uma outra utopia.

Portanto, ***O QUE ESTÁ EM JOGO NO CAMPO DA SEGURANÇA PÚBLICA BRASILEIRA É A MANUTENÇÃO DESSE LUGAR HETEROTÓPICO E DESTRUTIVO, NO QUAL AS DIFERENÇAS NÃO ENCONTRAM MEIOS DE SE ACOMODAR E CONVIVER.*** A violência emerge do lado de quem compromete a ordem e do lado de quem defende a ordem, sendo um meio de comunicação entre pessoas engajadas na destruição umas das outras.

Dessa forma, a segurança pública nada mais é do que uma tecnologia de poder para manter as pessoas separadas, distantes e inimigas. O pior desse diagnóstico não é a tragédia do presente, com milhares de mortos ano após ano, mas o fato de vivermos em um país que elegeu alguém disposto a ampliar as distâncias sociais entre ricos e pobres. Busca-se, a todo custo, apenas gerenciar pela força um país dividido entre grupos que constroem suas próprias utopias e estilos de vida, alinhados ou não à ordem das coisas.

Padrão



por ***Vitor Grilo***
Bota mó queixo.
vitorgrilo@revistaberro.com

Deu meia-noite. Cedo demais pra pegar altura. Mas tinha marcado. Ia chegar um chegado, irmão da quebrada. Ele da Serrinha. Eu do Rodolfo. Eu trinta e poucos, ele vinte e tantos. Duas gerações de pixadores da Fortal City, onde o chicote estrala de noite e de dia. Nos lombo de uns mais do que nos de outros, é verdade.

Ele tinha ido trabalhar de dia. Chegou contando dos embaços. Era entregador. Carteira assinada nenhuma. Direito trabalhista? Ele sabia que era bom pela forma que o povo falava disso. Mas nunca tinha tido aquele negócio. Pra ele era lenda. Contou que o patrão colocava ele numa mobilete destruída. Ele ia entregar os garrafões d'água e a preocupação maior era se ela ia explodir. E num dia pegou fogo mesmo, contou ele.

Tinha uma filha. Que cuidava com amor e com o pouco que tinha. Nas palavras dele se percebia que o carinho era verídico. Tava descobrindo o prazer pela leitura. De vez em quando pegava um livro. E lia realmente, não era caô. Com o pouco estudo que ele tinha, se não o conhecesse, pensaria que era agá.

O muleque era bom pixador. Querido por todxs xs colegas do ramo. Preto padrão das favela daqui. Magão, espixado, curvado. Esse preto moreno sabe? Mestiço. Mas preto. Roupa era umas beca de marca de surf. Calça quase caindo. Quem via pensava que era um cabide andando de tão magrelo. Boneco do posto, chamam uns.

Então. Deu meia-noite. Pivete chegou.

Eu: "E aí fei. Coé mermo? Vamo nessa?"

Ele: "Oura".

Saímos. Fomos andando aqui nas área. A meta era as altura doida. Eu não gostava dessas alturinha mamão. Preferia pixar menos mas melhor. ***Eis que chega um supermercado. Avenida movimentada. Altura cobiçada. Nunca tinha visto ninguém pegar. Rapaziada já sabia que tinha vigia e que era foda. Chance de rodar era alta.***

Eu:"E aí? Vai encarar?"

Ele: "Oura."

Subimos. Um pezinho no jeito no lugar certo e já era. Tava lá em cima já. A cerca elétrica só assistiu. Atravessamos aquele galpão gigantesco de quase um quarteirão. Meti meu nome. O primeiro. Eu: "Vai?" Ele: "Pode ir logo, vai. Mete o ôto." Tava no segundo nome. Não tinha metido nem a sigla. Aparece o vigia.

Paramos de pixar. Ficamos esperando. Outro vigia. Viu a gente lá em cima na hora que o pivete foi passar os pano. Aí pronto. Ficaram lá embaixo embaçando. Chamaram os homi. Os homi mala, ficaram rodando com farol desligado em volta do quarteirão. Esperando a oportunidade. Eles a de dar um pau em nóis. Nóis a de dar o vazari. Depois de uma hora pelo menos – rolou um cochilo e tudo no friozin da ventania no telhado – fui passar os pano. O outro vigia viu de novo e dessa vez não tinha mais volta.

Eu: "Ei pivete. Vamo nessa. Rodamo mermo. Já era."

Ele: "Já é. Cuida."

Levanto a mão com a tinta na mão e grito: "É só pixador! É só pixador!" O fuzil já tava apontado pra nossa testa. Colocaram a gente num quartinho. Pêa pra vinte. O vigia que fez a denúncia ficou tão constrangido com a surra que a polícia deu na gente que não teve nem coragem de fazer a queixa. Levaram a gente pra delegacia, espancados, tudo inchado, sem constrangimento nenhum. Corpo de delito? Nem vi. Sei nem quem é. Liberaram porque não havia queixa.

Esse rolê todo pra nóis era só mais um. Pixar é arte. Rodar faz parte. O piau também. Acontece. Mas o que mais me chamou a atenção foi a diferença absurda entre a surra que deram em mim e a surra que deram nele.

Me batiam sem entender. "Um cara bem parecido desse". Só tapa. Quantidade bem menor. Queriam conversar pra saber por quê. Nele era diferente. A pêa era prazerosa. Sádica. Costumeira. "Tu é o da fuga né? Ladrão safado. Cala a boca se não apanha mais!" E murro e bicudo de bota. Riam e gozavam.

Bater no branco, de óculos, era estranho, incompreensível.

No preto? Era só mais uma noite. Era só mais um preto. Era só o preto da noite.

uma história do movimento de saraus nas periferias de Fortaleza

POR ***João Ernesto***

"Toda periferia é um centro"

Nos becos, nas praças, nas avenidas, nos interiores de bairros descentralizados da capital ouve-se poesia. Seja Racionais *tocando na caixa de som em um barraco lá na favela da Verdes Mares, ou seja nas rimas saídas da voz de uma criança que se inicia no mundo da criação em uma rua do Curió, mas também nos saraus poéticos nas periferias de Fortaleza. As feridas sociais dão o tom como denúncia e não como lamento. As Palavras arranjadas como poemas são o troco das balas de pólvora que exterminam parte de uma população que quer viver.*

Pra quem já ouviu falar no Sarau da B1, no Sarau do Corpo Sem Órgãos e no Sarau do Papôco, também se envereda através de nomes como Baticum, Argentina Castro, Samuel Denker e tanta gente que acredita na arte como instrumento transformador de pessoas, dentre outras propostas espalhadas pelas periferias que atravessam Fortaleza, as lamentações dão espaço às denúncias de assassinatos da juventude periférica.

O corpo é importante se fazer presente nesses espaços, porque o corpo também faz parte desse Movimento. Levar olhos, ouvidos e garganta a lugares nas

periferias de Fortaleza que são marcados pelo afeto e a amizade nos dias de realização desses eventos, onde a poesia não pede socorro, onde ela é mais uma criação dentre tantas outras que se aglutinam nos espaços dos saraus.

Vamos lá, periferia sempre foi lugar onde brota arte de variadas expressões. Se o seu Zé levantou um "puxadinho" em cima da sua casa pra sua filha que está grávida, seu Zé, além de artista, é arquiteto. Sem prêmio, sem reconhecimento, sem escritório, seu Zé é artista, sim. Se dona Dina teve um marido covarde, que foi embora e a deixou com três filhos pra criar e dona Dina costurou, trabalhou em casa de madame, trabalhou com o que conseguiu pra levar o alimento para as crianças, dona Dina é uma malabarista da vida e é também artista... sem prêmio, sem busto e sem medalha. Esses lugares – as periferias – nunca deixaram de produzir arte e essa matéria é só um pequeno recorte sobre o que é feito em lugares onde a produção artística não chama a atenção da audiência.

Nesse contexto, o movimento de saraus nas periferias não nasce por acaso. A espontaneidade desses movimentos encontra nesse campo a pulsão necessária pro fazer artístico criando altas maneiras de expressão com voz e potência para requerer uma outra perspectiva para o povo da periferia. São agitações culturais que desengasgam a falta de reconhecimento do papel transformador que a arte pode ter na vida das pessoas. Propostas autogestionadas que mobilizam pessoas e ocupam as ruas sem fins lucrativos.

Música, poesia, performance, teatro, batalhas de rap, *breakdance*, malabares, palhaçarias... os espaços se multiplicaram mantendo algo raro nas cenas artísticas da cidade: o abraço a muitas expressões que queiram se somar nesses locais. Não existe sarau sem "nós".

A peleja da voz do dono com a dona da voz

Alto número de mortes violentas, ruas com problemas de pavimentação, falta de saneamento básico são problemas sérios, porém não mais latentes do que a intensidade de vida que se vê por lá. Existe o outro lado que, por algum motivo, não é tão acessado pelos meios tradicionais de comunicação. Em Fortaleza, somando o tempo que as emissoras de televisão locais concedem para programas policialescos, temos mais de oito horas diárias de programação quase exclusivamente sobre violência, sendo boa parte dos crimes acontecidos em periferias. Lamentos, mães chorando mais uma vida perdida, expondo uma periferia que tá sempre pedindo socorro, incentivando, de certa forma, uma imagem deturpada sobre a realidade de uma população que reinventa sua vida no decorrer dos dias.

Sempre lembrando que o "mic tá aberto", as temáticas dos poemas vão denunciando o preconceito sofrido pelos corpos periféricos (...)

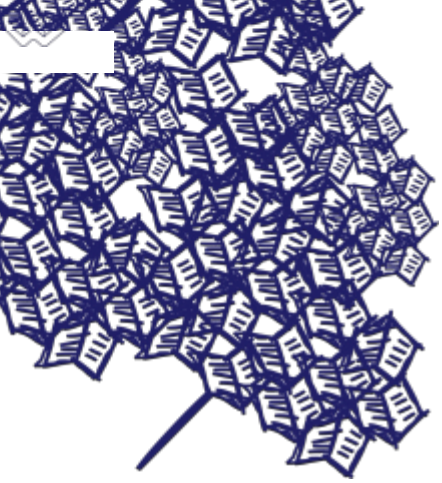
O lúdico que escapa às lentes da abordagem midiática se observa na força de quem pega seus busões cotidianamente pra ganhar o pão, fazendo girar a roda da cidade enquanto cidadãos de bem(ns) tratam de estigmatizar quem vem dos nossos Jangurussus, Bonjardins, Conjuntos Cearás e Curiós. Fato esse que também faz parte do conteúdo dos poemas ditos ao microfone, vozes que denunciam o descaso do Estado para com o espaço onde vivem. O fazer poético de agitadoras e agitadores culturais que fortalecem esses movimentos artísticos e também constroem uma forte identidade local através da poesia.

Sempre lembrando que o "mic tá aberto", as temáticas dos poemas vão denunciando o preconceito sofrido pelos corpos periféricos, o desejo de justiça e igualdade sendo colocado sem arrodeios. Também declamam o orgulho comunitário superando o estigma social sobre os bairros mais afastados do centro. Aqui, não teremos apenas relatos e narrativas de atitudes opostas às tramas policialescas, mas recortes de vivências que podemos conhecer na Biblioteca Comunitária Papôco de Ideias, sediada na rua Piauí, no Parque Universitário, bairro da zona oeste da capital cearense.

"Papôco" sem cheiro de pólvora: dos afetos à biblioteca comunitária Papôco de Ideias

Uma biblioteca comunitária como tentativa de reparação perante a violência. Em uma comunidade na periferia de Fortaleza um sonho brotou em forma de Papôco. A biblioteca comunitária Papôco de Ideias, que Argentina Castro toca com a família, é fruto de uma história de amor à literatura e à comunidade onde cresceu. Ela nos conta uma história lúdica, que começa lá na infância, onde sua mãe, dona Celeste, e seu pai, seu Inácio, mesmo com pouca escolaridade, incentivaram de maneira marcante sua relação com os livros.

A Biblioteca Comunitária Papôco de Ideias fica no quintal da casa da matriarca, dona Celeste. Seu Inácio, apesar de não estar mais presente fisicamente, faz parte desse espaço através das memórias que sua família carrega. Quando Argentina fala de onde vem o amor pelos livros e pela educação, remonta à sua infância, que foi onde começou a nutrir paixão pela leitura.



A imagem de um sofá vermelho em cima de uma carroça é uma memória que Argentina lembra com um olhar que cintila ao acessar algumas memórias. “Além de edu-cação, meus pais queriam nos proporcionar conforto no caminho até a escola. Então, meu pai colocava um sofá vermelho em cima da carroça que levava eu e minhas irmãs para a escola”.

O amor à literatura também vem pelo apreço que a irmã mais velha, a Tânia, tem pelos livros e pela biblioteca. Ela é bibliotecária e certa vez ganhou uma enciclopédia na infância, dada por seu pai. Apesar de ganhar pouco, seu Inácio deu-lhe o presente que ela guarda até hoje. O seu pai era esse homem preocupado com o estudo das filhas, mas também um grande contador de “causos”, o que pode ter influenciado a poesia em Argentina. Ela tem uma página na rede social *Instagram* onde publica poemas de sua autoria, chamada "Correnteza Poética". O título remonta à sua relação com Oxum, orixá que guia os caminhos dela.

Apesar da lógica do dinheiro ser determinante para o futuro das crianças, a ação de Argentina e sua família é de amor a uma causa. O acúmulo de perdas de vidas preciosas em decorrência da violência, infelizmente, é uma dura realidade em sua comunidade. Por conta dos problemas que atravessam sua comunidade é que ela deu início ao projeto do Papôco, para contribuir com a saúde física e mental das crianças. A inauguração da biblioteca foi no carnaval de 2016 e contou com a presença de parceiros como Antônio Viana – também conhecido como Baticum – poeta e arte-educador sempre presente no movimento de saraus de periferia, além de Edivaldo Ferrer, ator e autor também recorrente nas poéticas de Fortaleza.

Nas periferias de Fortaleza sempre brotaram afetos, a literatura e os saraus em seus espaços são mais uma ferramenta para algo tão simples que é repensar o acesso e a produção da arte e do lazer. Para esses produtores de afeição aos espaços, o mundo ideal em que a biblioteca existiria seria aquele no qual os pais das crianças voltam com todo o amor e respeito que faltaram aos filhos nesses tempos de sumiço. Onde as crianças pudessem ter uma outra perspectiva de vida e o "mundo do crime" não estivesse tão próximo de suas existências, como um escape para todos os sonhos frustrados na infância.

Nas periferias de Fortaleza sempre brotaram afetos, a literatura e os saraus em seus espaços são mais uma ferramenta para algo tão simples que é repensar o acesso e a produção da arte e do lazer.

A biblioteca comunitária Papôco de Ideias é mais uma iniciativa de colaborar com o futuro das crianças do Parque Universitário. “Às vezes, quando a criança chega aqui e vem dar um abraço, eu fico me perguntando há quanto tempo que aquelas crianças não recebem uma demonstração de carinho”, lembra a cientista social formada na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Para Argentina, a iniciativa tem suas singularidades em relação às bibliotecas convencionais. Por ser um espaço de intensa circulação de crianças, o que se ouve por lá muitas vezes é a algazarra infantil de pequenos indivíduos que não têm o hábito de sentirem-se acolhidos. Argentina também pensa o espaço que ela toca com sua família como retribuição social pelas oportunidades que teve, inclusive pelo ensino gratuito que teve acesso na universidade pública.

Argentina organizou o primeiro Sarau do Papôco em 2017. Como sua casa fica no fim de uma rua sem saída para automóveis, ela aproveitou essa extensão da sua própria casa para convidar crianças e poetas parceiras para celebrar a leitura e a poesia. Samuel Denker e Nina Rizzi, poetas que tocam o Sarau da B1, lá no Jangurussu, região sul da capital cearense; Jam’s Willam e Pamella Souto, artistas do Sarau Rizoma: Corpo Sem Órgãos, que acontece geralmente na quarta etapa do Conjunto Ceará, região oeste de Fortaleza, além de Baticum, artista que toca o espaço multicultural e coletivo da Okupação, no bairro Antônio Bezerra, zona oestea da capital. Outras parcerias e poetas se fizeram presentes em um dia regado a poesia e a leituras compartilhadas com pessoas de várias idades.

A realidade e a acreditância em contribuir para que as coisas possam ser melhores, fragmentos de uma história que poderia ser diferente. Para finalizar essa curta história, peço um trecho da entrevista feita com Argentina emprestado, onde ela nos diz que acredita “que o livro, a poesia e toda as artes, a imaginação bem direcionada a partir de uma leitura, é potencialmente transformadora de pessoas e de situações coletivas, de um mundo melhor”. Oxalá esse canteiro de acreditâncias floresça e que outros jardins possam nascer a partir deles.

"O que teme o Estado?"

ACESSE O MANIFESTO DO ENCONTRO DE SARAUS DO CEARÁ

Preservar a imparcialidade jornalística em determinadas questões é mato. Não acredito em intelectualidade sem ação. Soa contraditório imaginar a intelectualidade sem o exercício de existência do outro, buscando sua liberdade de expressão e outros pontos que tocam a plenitude da alteridade. Começo inserindo uma ideia em primeira pessoa porque realmente não busco nesse texto manter a frieza ao falar sobre a repressão que a população residente da periferia sofre, inclusive, quando está buscando expressar-se artisticamente. Pessoas foram proibidas de compartilhar poesia, essa linguagem que penso aproximar de outros elementos da vida cotidiana.

Imaginar um outro animal experimentando nossos códigos de linguagem para questionar a própria existência seria um devaneio, mas é na poesia onde podemos minimamente experimentar e explorar as acreditâncias em nos comunicar com outros animais. Lembro Manoel de Barros dizendo que "no descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos". Entender que a poesia compartilhada é uma experimentação, um exercício de acreditância perante a estupidez. Sim, gasto dois parágrafos para falar dessas insignificâncias, porque tem poeta adoecendo e o remédio que o Estado encontra é a repressão.

Mais uma vez os pesos e as medidas para lidar com a população da periferia são colocados pelos representantes armados do Estado. No dia 13 de abril desse ano aconteceu mais um Sarau Bate Palmas, sediado no Conjunto Palmeiras desde 2007, zona sul de Fortaleza. Era mais uma noite dessas onde se poderia ouvir a cor dos passarinhos, até a chegada de uma unidade móvel da polícia militar dando a ordem para encerrar as atividades antes mesmo das dez horas da noite. Imagine você, morador de um bairro onde uma vez por mês aconteça um sarau para as pessoas cantarem seus poemas. Esse lugar sendo privado de todo tipo de serviço básico, de estrutura adequada de moradia até acesso a lazer e a cultura, imagine você querer fazer uma movimentação onde historicamente o Estado nunca chega e ter a sua voz calada justamente por essa instituição?

A denúncia, feita por um possível morador, é que alguém estava portando drogas (?) no local. Fiquei imaginando os tais policiais pirando o cabeção para encerrar o "Fortal" - micareta frequentada em maioria pelas classes médias e altas da cidade - caso alguém denunciasse o uso de substâncias ilícitas no local. A questão levantada aqui não é para equiparar os frequentadores dos ambientes acima citados. Os representantes do Estado estão cumprindo ordens ou só dando prosseguimento à seletividade sobre quem pode ou não ter voz?

Mais uma vez uma experiência de troca foi substituída por um ambiente de exceção e sob uma justificativa no mínimo genérica, os artistas presentes no sarau tiveram que ouvir de um dos policiais que "deviam estar na igreja".

É importante ressaltar que nenhum sarau de periferia que pude conhecer em Fortaleza está disposto a baixar a cabeça perante as imposições policiais. Também está cada vez mais clara a divergência entre quem faz a segurança no Ceará e quem pensa a arte e a cultura de livre acesso. Do Jangurussu ao Conjunto Ceará existem artistas que nunca se contentarão só com comida, mas também com atividades artísticas que corroborem tanto quanto a segurança, a saúde ou a educação de base para a dignidade humana. Poetas afins de trazer atividades lúdicas para seus "dazáreas", despertando a poesia presente nas pessoas. Apesar da segurança pública ser pensada através da truculência, o movimento dos saraus de periferia não dá sinais de que vai permitir fechar essa conta. Nem igreja e nem cadeia, como diria Sérgio Sampaio, lugar de poesia é na calçada.

Para saber mais:

Na página da biblioteca, se recebe poesia, afetos, doações de livros e proposições de apoio e serviço à criança e ao adolescente: facebook.com/bibliotecacomunitariapapocodeideias/

Acompanhamento psicológico, oficinas e atividades com as crianças.
Você tem alguma proposta para somar com a iniciativa do Papôco?
Manda um email para: bibliotecacomunitariapapocodeideias@hotmail.com

Branquitude

POR ***Dani Guerra***
CAMINHANTE DESTE MUNDO. CONTA HISTÓRIAS PARA TECER POSSIBILIDADES.
dani@revistaberro.com

O discurso de posse do maior cargo do Estado brasileiro, que pela própria estrutura já reverencia a bandeira, a lei e a família desde a Proclamação da República, traz em si a autoridade e o privilégio da branquitude: "Brasil acima de tudo, deus acima de todos". Este Brasil e este deus são brancos, mas disfarçam-se de identidade nacional.

O modo de pensar branco se coloca como ponto de partida e de chegada. No final do experimento, o branco é considerado moralmente e intelectualmente superior, mas, na partida, ele foi a tabela de medição para analisar o outro. ***SE NEGRO E INDÍGENA SÃO RAÇAS, O BRANCO É O QUÊ?*** Entender que branco também possui pertencimento étnico-racial retira este da categoria da normalidade e do ideal que todos têm que seguir.

Você já se questionou qual é o ideal de inteligência, de beleza e de justiça no Brasil? São pessoas brancas. Quando escutei o professor Lourenço Cardoso falando branquitude, entrei em paradoxo, pois assumir a existência dela faz perceber que os privilégios enquanto branco produzem a desigualdade em relação às pessoas não-brancas.

Se você interpretar branco como uma classificação étnico-racial, vai começar a observar que este não é parâmetro, mas apenas uma identidade que mantém os seus privilégios a partir da opressão que se acumula há séculos. Enquanto isso, o branco se isenta do que remete aos negros de forma negativa, o extermínio da juventude negra, a diferença no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre pessoas negras e brancas, como se estes dados se construíssem por si só.

Nós, brancos, assumimos que há oportunidades iguais para nos isentar da nossa responsabilidade nesta sociedade racista. Essa "igualdade", isto é, democracia racial como já foi dito que existia no Brasil, foi e é a destruição da diversidade cultural existente, o que torna simbólica a redução constante desta diversidade a um só deus e a uma só nação.

Bolsonaro nos diz que estamos a nos libertar do politicamente correto, ou seja, do pequeno entendimento que viemos acumulando de que somos opressores e de que precisamos questionar as nossas atitudes. A esperança de um Brasil melhor para este governo é, em outras palavras, retomar os nossos lugares de privilégios.

Como este lugar foi construído? Na tese "O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil", Lourenço Cardoso discute este desejo do branco em pesquisar o objeto negro, sem que se coloque em análise ou em questionamento a própria identidade branca.

O professor faz apontamentos sobre a identidade branca não-branca do Brasil. Como assim branca não-branca? O fato de que os portugueses seriam os não-brancos europeus, devido à miscigenação com povos judeus, mouros, ciganos e africanos antes de virem ao Brasil, torna nossa ancestralidade branca de "segunda classe".

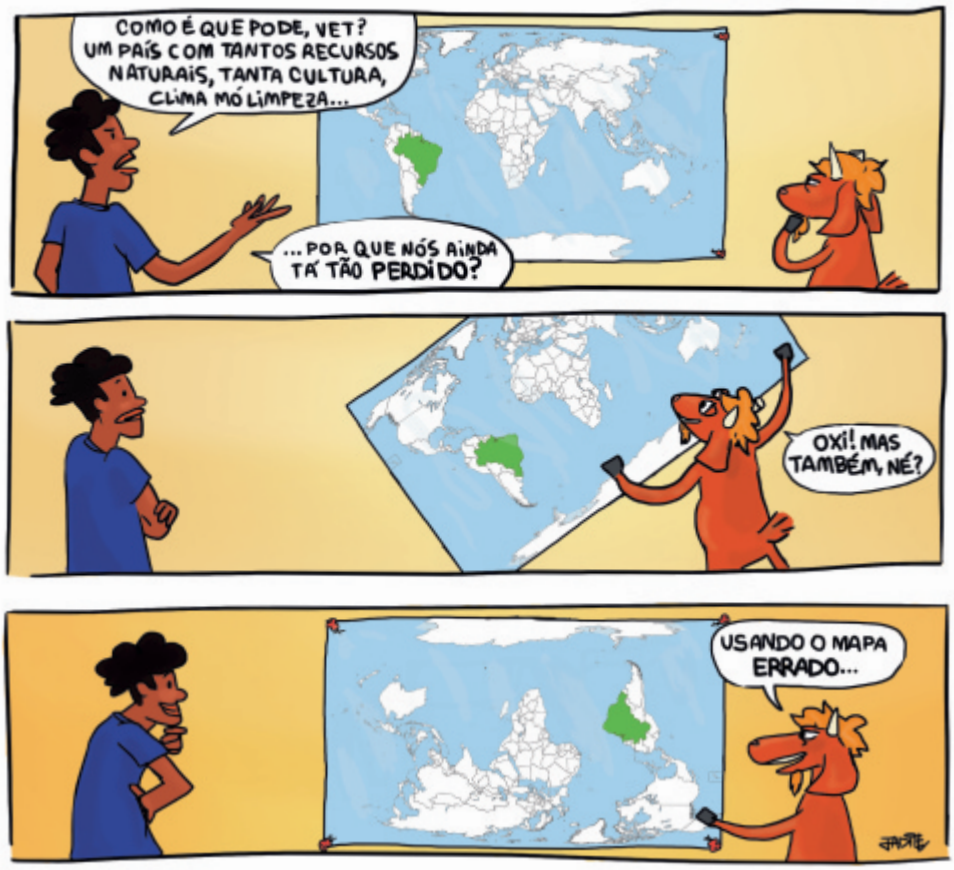
Apesar de serem menosprezados no continente europeu, o branco português "classifica a si mesmo como senhor" ao chegar no Brasil, como nos descreve Lourenço. Aí está o pulo do gato, pois, ao mesmo tempo, o branco não-branco idealiza uma branquitude mais branca, europeia e estadunidense, para esquecer o português "atrasado", e inferioriza, oprime identidades não-brancas dentro do próprio país.

Como diz Lia Schucman, isto não tem só a ver com o "legado do passado", há "interesse no presente" de que tudo permaneça da mesma forma. O passado queremos esquecer, seja ele português, indígena ou africano. E, no presente, para além do Estado que aponta o dedo em sinal de arma, qual é o nosso lugar nesse binômio negro-branco? Onde estamos classificando a nós mesmos enquanto "senhor"? Como podemos sacudir a nossa própria imagem?

O racismo precisa ser combatido todos os dias. Não será fácil deixar de lado os seus privilégios por ser branco, tornar-se um branco antirracista é muito mais que ação de *marketing*. Os brancos estão acostumados a combater as regras para serem vanguarda, transgressores, isto é, permanecer no centro. Neste caso, a regra é a branquitude, a primeira forma de combatê-la é o branco sair do centro.

PERSPECTIVAS

POR *Jadiel Lima*



PELO FORTALECIMENTO DO BNB E DO BASA!

Em defesa do FNE e do FNO
Não à privatização
Por trabalhadores valorizados

BNB forte, Nordeste forte!
BASA forte, Norte forte!

33 anos
AFBNB
Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste do Brasil

AEBA
ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DO BANCO DA AMAZÔNIA

PRAIA DE

IRACEMA

MAR & MARÉ

Foto: Camila Scarlazzari

Por acreditar que um bairro é feito de movimentos e trocas, o **Intituto Cultural Iracema** apoia iniciativas sociais, culturais e formativas na Praia de Iracema. Com programação para todas as idades, em todos os horários, na praia, no calçadão, nas ruas ou nos equipamentos culturais, **a Praia de Iracema é a nossa Fortaleza dos encontros.**

fortalezadosencontros

www.institutoiracema.com | www.praiadeiracema.com